DR. JAIME LOPES DIAS

ETNOGRAFIA DA BEIRA

LENDAS • COSTUMES • CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

I VOLUME

Capa e desenhos de José Espinho

EX-LIBRIS

DO AUTOR:

Direito

Acção cível. Alegações e resposta à argüição de incompetência em razão da matéria — 1921. (Esgotado).
A Junta Geral na vida administrativa portuguesa — 1927.
Receitas e despesas municipais — 1934.
Código Administrativo de 31 de Dezembro de 1936. Edição revista com notas marginais e repertório — 1937. (Esgotado).
Lei eleitoral. (Decreto-lei, n.º 27.995, de 27 de Agôsto de 1937). 1937.
Código Administrativo de 31 de Dezembro de 1940 e Estatuto dos distritos autónomos das Ilhas adjacentes. Edição revista, com anotações, notas marginais e repertório alfabético — 1941.
1.º apêndice de actualização do Código Administrativo e Estatuto das Ilhas Adjacentes — 1941.

Etnografia e História

Etnografia da Beira. Vol. I — 2.ª edição. Lendas, costumes, crenças e superstições. Vol. III, Lendas, costumes, crenças e superstições — 1929 — (Esgotado). Vols. V e VI. Lendas e romances, costumes, indústrias rurais, tradições, crenças e superstições — 1939 e 1942.
Etnografia da Beira. Vols. II e IV. O que a nossa gente canta — 1927 e 1937.
Em defesa do «folclore» nacional. Discurso de apresentação do Orfeão de Castelo Branco — 1930. (Esgotado).
Pelourinhos e Fôrcas do Distrito de Castelo Branco — 1935.
A Beira-Baixa ao microfone da Emissora Nacional. Reprodução do espectáculo de 21 de Novembro de 1935 — 1936.
Festas e Divertimentos da cidade de Lisboa. Da Independência à Restauração — Conferência — 1940. (Esgotado).
Museu da cidade. Separata da *Revista Municipal* — 1945 — (Esgotado).

Problemas Sociais e Económicos e Regionalismo

O problema da viação no distrito de Castelo Branco. O que há e o que precisa. Meios de realização. 1922.
As aspirações da Beira-Baixa e as propostas de um congressista — 1923. (Esgotado).
Aspirações e necessidades da Beira. Memorial da cidade de Castelo Branco ao III Congresso Beirão — 1928. (Esgotado).
A Beira. Limites naturais, divisão tradicional. A Beira Baixa na organização administrativa nacional. Tese. — 1928. (Esgotado).
O problema económico. Alguns males e remédios sob o ponto de vista agrícola. Tese publicada no volume *Da Acção Regional ao IV Congresso Beirão* — 1929.
IV Congresso e Exposição Regional das Beiras. Relatório. Sessões. Teses. Exposição. Imprensa. — 1931.
Memorial sôbre problemas e aspirações regionais. — 1932 — (Esgotado).
Castelo Branco. O problema do seu abastecimento de água. Tese apresentada ao V Congresso Beirão — 1932.
Aspirações de Idanha-a-Nova — I — A Barragem do Ponsul — 1935. (Esgotado).
Monografia sôbre o regime e organização do trabalho rural, englobando a questão de higiene e confôrto no concelho de Idanha-a-Nova. Premiada em concurso aberto pela D. G. A. S. A. *Boletim do M. da Agricultura* — Ano II — N.os 9 e 10 — 1935.
Corpos administrativos, Casas do Povo e Misericórdias ante o problema social — A protecção à propriedade e o cadastro geométrico — A estrada Castelo Branco-Coimbra. Teses apresentadas ao V Congresso Beirão — 1936. (Esgotado).

ETNOGRAFIA DA BEIRA

A presente edição facsimilada da obra completa
ETNOGRAFIA DA BEIRA
da autoria do
DR. JAIME LOPES DIAS
foi mandada publicar pela
CÂMARA MUNICIPAL DE IDANHA-A-NOVA.
A tiragem é de mil exemplares de cada um dos onze
volumes, o último dos quais será acrescido de um
estudo do Dr. António Salvado.
Todo o trabalho gráfico desta edição foi executado nas
Oficinas Gráficas do Jornal do Fundão.
Depósito legal n.º 36096/90.

DR. JAIME LOPES DIAS

ETNOGRAFIA DA BEIRA

LENDAS, COSTUMES,
CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

(Carta prefácio do DR. LEITE DE VASCONCELOS)

VOLUME I

2.ª EDIÇÃO

DEPOSITÁRIA
EMPRÊSA NACIONAL DE PUBLICIDADE
AVENIDA DA LIBERDADE, 266
LISBOA
1 9 4 4

CARTA-PREFÁCIO
DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Ex.^mo Sr. D.^or Lopes Dias:

Quis V. Ex.ª honrar-me pedindo-me um artigo que servisse de prefácio à sua *Etnografia da Beira*. Na impossibilidade de, por falta de tempo, o escrever, envio-lhe esta simples carta.

Para que seria preciso um prefácio meu a uma obra que por si mesma se impõe ao bom acolhimento do público?

De facto há nela óptimo conteúdo, apresentado com singeleza e naturalidade, que tornam agradável a leitura ainda aos não especialistas. Quem, sendo Beirão, e conhecendo as *lendas*, as *usanças* e as *superstições* que V. Ex.ª enumera, não se recreará de repassar pela memória, assim elegantemente agrupadas, tradições com que foi embalado? E a quem, não o sendo, ou dedicando-se longe à Etnografia, não agradará ver aqui reünidos tantos elementos de estudo?

Muita coisa que V. Ex.ª publica é naturalmente comum a outras regiões, por exemplo, a lenda do "monte do trigo", que se localiza também ao pé de Santarém, as "janeiras", a "serração da Velha", o "Natal", grande parte das superstições da secção que intitulou "Vária", — o que tudo se encontra "passim". Porém nas repetições há de ordinário variantes aproveitáveis. A "maldição de Ródão", p. 17-21, é por exemplo, variante da "lenda de Gaia", tal como vem nos "Nobiliários", p. 180-181, século XIV.

Tanto quanto sei, ou me pareça, creio não estarem ainda arquivadas, ou estarem pouco divulgadas, notícias como as das danças, de que fala a pág. 85-96, e as de "deitar os moios ou o bom ano". Acho muito curioso o que diz do "casamento", a pág. 101-103, de "chorar o Entrudo", a pág. 123, das "caqueiradas", a pág. 125, das "alvíçaras", a pág. 129.

Os versos de pág. 93 teem a forma de "leixa-pren", como nos desafios. Acêrca dos gambozinos pode ver uma curta nota de Sequeira Ferraz na "Revista Lusitana", III, 371. O oferecimento de "telhas roubadas" a santos, pág. 97, pertence à extensa série de superstições muito espalhadas por tôda a parte: a elas já aludi algures, e outros paralelos poderia aqui juntar. À data da instituïção das Festas do Espírito Santo dediquei uma nota no "Mês de sonho", pág. 76. Acêrca desta festa coligi há anos, também na Beira-Baixa, longa notícia e versos (Vide-Monte), que conservo inéditos. O doar o rei ao pastor, pág. 32, tôdas as terras que avistasse, tem outro paralelo em Portugal; e talvez se relacione com costumes de di-

reito antigo. A doença a que o povo dá o nome de "côbro", palavra que julgo sinónima de "cobrão", pág. 155, é a que os médicos chamam "zona". Talvez as maldições de 143-145, que V. Ex.ª inclui na secção das Superstições, coubessem melhor na das Lendas. Os cantos de pág. 138-139 devem pertencer a um antigo auto do Natal. Parece-me que na canção de pág. 91,

Senhora dos altos Céus,
Minha rosa encarnada,
Lá "ao baixo Alentejo"
Chega a vossa nomeada.

onde "baixo" será com "B", a lição primitiva seria: "Lá baixo ao Alentejo", porque a expressão geogràfica "Baixo--Alentejo" é bastante recente. (Na "Circumscrição dos districtos", 1868, pág. 126, lê-se "Alemtejo-Baixo").

Receba V. Ex.ª os meus parabéns pelo trabalho com que concorreu para o progresso da nossa Etnografia; o meu desejo é que não só V. Ex.ª dê à estampa quanto antes o volume ou volumes que tem em mente ainda publicar, senão que não esmoreça na investigação, como a tantos outros tem acontecido. Precisamos, cada vez mais, de estudiosos, como V. Ex.ª, que saibam trabalhar com amor e consciência.

Campolide (Lisboa), 24-X-1926.

J. Leite de Vasconcellos.

À MEMÓRIA DE MINHA MÃE

PREFÁCIO DA 1.ª EDIÇÃO

O homem procurou sempre, desde as idades mais remotas, conhecer o que o cerca.

Do sentimento de curiosidade nasceu o conhecimento simplista e do conhecimento simplista o conhecimento reflectido, a indagação das causas produtoras dos fenómenos, em sua forma e finalidade.

Surgiram assim as ciências: primeiro as matemáticas, depois a história, a arqueologia, etc.; mais tarde a sociologia e a etnologia, seguindo-se-lhes desde logo a Etnografia para o estudo dos povos e das famílias, em seus costumes, aptidões, génios e crenças.

E por isso, dada a sua importância, reconhecido o seu valor indiscutível, ela atingiu, em curto prazo, lugar de relêvo.

Pela Etnografia, deviam descobrir-se artes ignoradas a par de processos rotineiros de labor agrícola, industrial e artístico, que as estâncias oficiais teem aproveitado ou combatido enviando às diversas regiões técnicos especializados a recolherem o que é digno de ser perpetuado ou a ensinarem processos novos de maior utilidade e rendimento.

Pela Etnografia teem sido desencantados em lugarejos ignorados e inacessíveis, processos anacrónicos de curar doenças, a que muitas vezes não falta o uso nocivo de **mèzinhas.**

Em conseqüência dos estudos etnográficos teem podido o legislador, o político e o sociólogo, aproveitar virtudes, combater defeitos e dirigir e educar, ou não contrariar, tendências naturais de reconhecida utilidade.

Na Etnografia, estudo dos costumes, encontra o juiz, que, algumas vezes, por disposição da própria lei, é obrigado a respeitar o costume como se lei fôsse (¹), precioso elemento de colaboração.

Da Etnografia aproveitam os educadores va-

(¹) Cód. Civ., arts. 1.373.º e 1.374.º

liosos materiais para a formação moral e desenvolvimento físico das crianças, por que Ela lhes vai descobrindo e fornecendo velhos contos, jogos alegres e lendas formosas, quantas vezes repassados dos mais sãos princípios e de sentimento patriótico.

Mas, a civilização progride e ameaça tudo transformar. Não é preciso ser muito velho para notar grandes mudanças etnográficas. Diz, e muito bem, com a sua indiscutível autoridade de mestre, o sábio dr. Leite de Vasconcelos: «quem, vivendo hoje, nasceu nos meados do século XIX, lidou com patacos, cruzados e peças, viu a liteira, ouviu a sanfona — e nada disso existe já hoje!» (¹) Dez, vinte, cinqüenta anos bastam para fazer esquecer ou transformar, adulterando-os, costumes velhos, usanças antigas. Tem-se dito e repetido que é preciso e urgente recolher e guardar com cuidado e com carinho o que ainda nos resta, para que nem tudo se perca.

O presente volume de «Etnografia da Beira» não é mais que a minha quota-parte de trabalho

(¹) «Importância da Etnografia», «Revista Lusitana», vol XXII, pág. 14.

e de investigação referente ao distrito de Castelo Branco.

Possível é que às páginas que vão seguir-se outras se sucedam.

Oxalá os meus conterrâneos queiram continuar a dispensar-me o seu auxílio e o seu incitamento.

PREFÁCIO DA 2.ª EDIÇÃO

Estudiosos, amigos e, sobretudo, patrícios meus que não podem haver, por se terem esgotado, alguns dos seis volumes que tenho publicado sôbre «Etnografia da Beira», apontam-me a necessidade de os reeditar.

Era minha intenção, como já o afirmei no prefácio do sexto volume, reünir, em obra de conjunto e segundo novo plano, tudo o que sôbre a matéria já escrevi.

Na impossibilidade de, por ora, me dedicar a semelhante tarefa, resolvi atender às sugestões feitas e proceder às reedições.

Vai em seguida a do I volume que, àparte alterações de redacção e disposição de materiais, não Insere grandes inovações.

Abre com o primeiro artigo que publiquei na im-

prensa e versava a lenda de Nossa Senhora da Póvoa, a Santa mais adorada da Beira Baixa e em honra e louvor de quem milhares de romeiros, vindos de longes terras, fizeram, até há poucos anos, uma das maiores romarias de Portugal.

A obra de conjunto que penso organizar para abranger o estudo da terra e do povo da minha província em todos os seus principais capítulos, virá um dia, se a vida durar.

Entretanto procurarei, com o auxílio dos meus patrícios e com a benevolência dos meus leitores, continuar a publicar o que possuo inédito e o mais que ainda possa recolher.

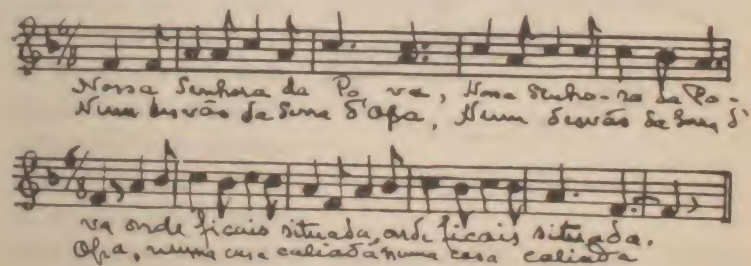
LENDAS

NOTA — Vide outras lendas da Beira Baixa in-**Etnografia da Beira,** vol. III, págs. 11 a 47, vol. V, págs. 11 a 28 e vol. VI, págs. 11 a 26.

NOSSA SENHORA DA PÓVOA

A capela da Senhora da Póvoa, de Vale de Lôbo, situada a 1.500 metros daquela freguesia, nos Brejos, sopé da Serra d'Opa,

> Nossa Senhora da Pova,
> Onde ficais situada,
> Num desvão da Serra d'Opa
> Numa casa caliada,

como canta o povo,

dista 12 quilómetros da histórica e pitoresca Vila de Penamacor.

Até hoje nada há publicado, que saibamos, sôbre a sua fundação e, por isso, nos limitaremos a descrever a origem tal como os nossos mais idosos conterrâneos a contam e repetem há séculos.

Nossa Senhora da Póvoa

Andavam dois pastorinhos, em tempo que não se pode precisar, a apascentar os seus rebanhos. Os cães, que lhes serviam de protecção e auxílio, arremeteram sùbitamente contra um silvado que vicejava junto a uma fonte, hoje destruída pelo minar do tempo.

Admirados, ávidos de conhecer a causa do chamamento dos fiéis animais, os pastores dirigiram-se para o local. Ficaram estupefactos. Entre as duras silvas, brilhava uma pequenina imagem da Virgem Santíssima, encimada por uma auréola resplandecente.

Maravilhados, correram à povoação a participar

o caso. Não tardou que o povo organizasse uma procissão e conduzisse solenemente a radiante imagem para a igreja da freguesia.

A Virgem Imaculada, porém, como que querendo eternizar o aprazível lugar, desapareceu do templo para, pouco depois, reaparecer no silvado.

O povo, vista a vontade insuperável da Virgem Maria, resolveu construir-lhe uma pequena ermida no local do aparecimento, até que, nos fins do século XVIII, com o produto de avultadas esmolas que a Senhora recebia, erigiu a capela onde ainda hoje se venera com tôda a pompa e luzimento, a milagrosa Virgem Imaculada Senhora da Póvoa.

— A festividade realizou-se, enquanto foi permitido, no domingo, segunda e terça-feira do Espírito Santo (Pentecostes), foi uma das mais importantes de Portugal e inegàvelmente a mais curiosa e característica da Beira Baixa.

LENDAS

Portas de Ródão — Pág. 25

Monte de Trigo — Pág. 31

Vista de Belmonte — Pág. 35

O Castelo de Wamba — Pág. 25

Confusão das Portas — Pág. 41

A MALDIÇÃO DE RÓDÃO

SOBRANCEIRAS às célebres Portas de Ródão erguem-se, ainda hoje, velhas ruínas de uma antiga fortaleza que o povo diz ter sido Castelo do Rei Wamba.

Com a bacia hidrográfica do Tejo de um lado e o aprazível e mimoso Vale da Barroca da Senhora do outro, a residência do rei dos visigodos devia ser qualquer coisa de grande e majestosa...

Por ali devem ter passado, em gerações sucessivas, reis e generais, ali se desenrolaram com certeza factos de grande importância para a vida e organização dos povos antigos.

A uns e outros se não refere especial ou circunstanciadamente a história, mas a voz do povo, que nada esquece embora por vezes adultere e confunda, essa soube registar e guardar do velho Castelo a seguinte curiosa lenda da *Maldição de Ródão*.

*

Dominavam os visigodos, já convertidos ao cristianismo, na margem norte do Tejo, ao mesmo tempo que na margem sul imperavam os mouros. Certo dia, a espôsa de Wamba, esquecendo ódios de raça e deveres de espôsa, passou para o campo inimigo e entregou-se ao Rei Mouro.

Wamba, que a idolatrava, jurou vingança.

Não cabia em pessoa da sua estirpe e grande firmeza de ânimo sofrer em silêncio tamanha afronta.

Pundonoroso, honrado até mais não, cada hora que passava sem o ajuste de contas, eram para êle séculos sem fim.

Um dia, resolveu dirigir-se ao castelo Mouro, disposto a arrostar e a sujeitar-se a todos os perigos. Vestido de mendigo, recomendara prèviamente aos seus, que o espreitassem a distância e que, logo que ouvissem tocar a *córna* de que se fazia acompanhar, corressem em seu auxílio. E marchou. Os campos eram fáceis e os caminhos regulares.

Andou, andou, para, em pouco, se encontrar em frente do castelo inimigo. Coincidência estranha, a primeira pessoa com quem se encontrou foi a própria espôsa. Trocadas poucas palavras, logo ela o reconheceu e exclamou entre hesitante e aflita:

— Estamos perdidos! Esconde-te nesta alcôva porque o Mouro, que foi à caça, não demorará.

Wamba, cego de raiva, mas astuto, simulou esquecer a ofensa e obedeceu. Poucos minutos passados chegou o Mouro. Recebido com tôdas as deferências pela adúltera, esta preguntou-lhe:

— ¿Mataste muita caça?

— Sim, tive um dia regular!!

— Pois também eu, respondeu ela, também eu fiz boa caçada. E, nisto, abriu a porta da alcôva.

Wamba, o falso mendigo, estava à vista! Estupefacto, mas satisfeito por ter em suas mãos a vida do seu maior adversário, o Mouro, dirigiu-se-lhe:

— O dia de hoje foi para mim de grande felicidade. Matei muita caça e tenho-te aqui à mão. Quero por isso ser generoso. Vou conceder-te grande privilégio. Ora diz: — ¿que farias tu, Wamba, se te encontrasses no meu lugar?

Um raio de esperança iluminou o seu coração acabrunhado!

— Apraz-me agradecer a tua gentileza, respondeu Wamba. E, visto que me é permitido lavrar a própria sentença, quero dizer-te que, se os nossos lugares se trocassem, obrigar-te-ia a subires ao ponto mais elevado dêstes sítios e ali tocares esta *córna* até rebentares.

— Pois, cumpra-se, disse o Mouro. Não terás de que te queixar...

E Wamba foi levado para o ponto mais elevado da residência mourisca, onde tocou, tocou sem cessar. Naquele toque (mal o Mouro o podia adivi-

nhar) estava a salvação do prisioneiro; e por isso a *córna* não deixava de se ouvir!

Os cavaleiros de Wamba, conforme o combinado, estavam alerta, e tão alerta que, poucos momentos passados, avançavam a todo o galope, por entre imensa nuvem de pó, em direcção ao castelo. Tudo ali estava desprevenido e preparado para lauto jantar; e, após luta rude, mas luta rápida, infrene, o rei Mouro era morto e a infiel espôsa conduzida para a outra margem, para terra de cristãos. Wamba, logo que chegou ao seu castelo, mandou preparar grande banquete. Vieram os seus melhores amigos, a sua família, e quando todos comentavam com gáudio e satisfação a morte do Mouro e a vitória dos cristãos, Wamba tomou a palavra para interrogar seus três filhos.

E disse-lhes:

— Meus filhos: a nossa honra está salva e limpa, tão limpa e pura como de nossos maiores a herdámos. Está morto o Mouro e prisioneira a que é vossa ignominiosa mãe. Pregunto: — ¿se tivésseis espôsas que adorásseis e assim procedessem, que lhes faríeis?

Tomou a palavra o mais velho.

— Conquanto me seja de muito pesar emitir opinião em assunto tão melindroso, afirmo que, se o caso comigo se desse, mandaria atar a adúltera à cauda de um cavalo e êste corresse tanto, tanto, que a desfizesse em mil pedaços.

O do meio, respondeu:

— Por mim, adoptaria processo mais rápido. Pisá-la-ia e rachá-la-ia de meio a meio.

Restava a opinião do mais novo.

— Não costumo desobedecer às ordens de meu pai, chefe exemplar da nossa família e fiel mantenedor da honra de nós todos. O momento é difícil, mas ante a nossa dignidade própria e a do nosso povo, digo que, se o caso comigo se desse, amarraria a adúltera a uma galga (mó de moínho) e deitá-la-ia por essa ribanceira, até o seu corpo se perder nas águas do rio.

Esta foi, de facto, a idéia que melhor calou no ânimo de Wamba que imediatamente a mandou executar. Presa com segurança a enorme galga, a adúltera foi despenhada pela ribanceira. E rolando, rolando, afundou-se no Tejo, para não mais ser vista...

O povo de Vila Velha diz, ainda hoje, que por onde aquêle pestilento corpo passou o mato jamais cresceu!

Também, ainda hoje, é voz corrente que a adúltera, ao ter conhecimento da sentença, exclamara:

> Adeus Ródão, adeus Ródão,
> Cercada de muita murta
> E terra de muita p....
> Não terás mulheres honradas,
> Nem cavalos regalados,
> Nem padres coroados!

Graças a Deus, regista-se com satisfação, a profecia não se cumpriu.

MONTE DE TRIGO

— «¿Não sabes que é pecado trabalhar ao domingo?
— Sei, respondeu o homem, que não sabia que estava ante Nosso Senhor; mas aqui ninguém me vê.
— Pois então vais ser pôsto em lugar que tôda a gente te veja.
E o homem foi pôsto na lua, com o molho de vides às costas, e é êle que faz as sombras que lá vemos.»

(Adolfo Coelho — *Leituras Populares*)

TERRA privilegiada e bendita, a terra dos Egitanos!
Se a revolvemos para o estudo dos mais remotos tempos da arqueologia ou da pré-história, se pretendemos conhecer os tempos proto-históricos ou históricos que precederam a organização da nossa nacionalidade, se desejamos profundar a origem étnica dos portugueses e as tradições da nossa raça, lá encontramos elementos valiosos para a reconstituïção de todo êsse passado e para o estudo do viver do homem.

Terra santa e bendita, a terra dos Egitanos associa às suas tradições gloriosas as lendas mais românticas e poéticas!

Santa e bendita seja Ela para todo o sempre!

. . . .

Quem algum dia tenha visitado o *Cabeço dos Mouros*, a *Vigia* ou a *Cabeça Alta*, quem alguma vez tenha seguido de Idanha-a-Nova para Alcafozes terá notado a existência dum grande monte de formas geométricas correctas com a configuração aproximada dum cone de vértice fendido.

Verdejante e de messes de ouro em anos de cultura, árido e sem vegetação nos anos de pousio, e sulcado por pequenos regos em anos de alqueive, o *Monte de Trigo* sabe destacar-se, prende bem a atenção do viajante.

¿Monte de Trigo?...

Desfazia-se a terra em colheitas prodigiosas, e se os lavradores, ao tempo, pouco mais tinham que confiar-lhe a semente para ela se desdobrar em messes infindas, o homem trabalhava, já então, de sol a sol, na luta pela existência. A colheita fôra naquele ano de excepcional abundância.

Amadurecido e amarelecido o grão pelo áspero sol do estio, reünido em grande monte depois de desalojado das espigas, restava proceder à medição.

Estava-se no sétimo dia do Pentateuco. Era ao domingo. Vieram a rasa e a rasoura.

O lavrador, mangas arregaçadas, atirado o cha-

péu para o lado, fêz o sinal da cruz como para arredar o *demo*. E começou a faina.

O saco, em mãos fortes de serviçal, aguardava a primeira medida; mas, nisto, sem se saber de onde, ecoou aos ouvidos do lavrador:

— ¿Não sabes que é pecado trabalhar ao domingo?

Estarrecido, quási fulminado por tão estranho aviso que abruptamente lhe tolheu os movimentos, verificou que não havia que medir!

O trigo transformara-se em terra, a rasa e a rasoura eram de pedra!

De joelhos, suplicante e arrependido, implorou, pediu de todo o fundo da sua alma a revogação da sentença.

Inútil!

A voz que a seus ouvidos levara a eterna transformação do trigo em terra — *¿não sabes que é pecado trabalhar ao domingo?* — perdeu-se, para não mais ser ouvida, no eterno segrêdo das coisas eternas!

E lá continua ainda hoje, e lá se conservará pelos séculos em fora, semelhando grande monte de cereal, com a rasa e a rasoura, o *Monte de Trigo!*

O BRASÃO DOS CABRAIS

Entoando as canções do tempo em melancólicas avênas, acompanhando os rebanhos no badalar contínuo dos seus chocalhos, os pastores das faldas da Serra da Estrêla levavam vida descuidada, mas a vida áspera das serranias. No seu viver quási primitivo, um, de entre todos, ouviu em sonhos, três noites seguidas: — «Vai a Belém e lá encontrarás o teu bem».

Acostumado a ver todos os dias aos primeiros

alvôres do sol, os altos píncaros da Serra, êle que ali nascera e se criara ouvindo a seus avós narrações referentes a grandes lutas que ali se desenrolaram entre os lusitanos, de que descendia, e grandes exércitos de Roma, não se decidia a partir.

Passaram dias!

A voz que, noite alta, lhe segredara a promessa da felicidade, voltou a repetir-lhe: — «Vai a Belém e lá encontrarás o teu bem».

Começavam a branquear os crutos dos mais altos cabeços da Serra.

As grandes nevadas, o período de maior inclemência, iam começar.

Ante uma vida de pouco mais de mediania e a promessa do bem, entre os rigores do inverno e a fortuna que lhe sorria, ¿deveria desprezar esta?

Sonhara três noites seguidas e guardara segrêdo. ¿Que mais era preciso, na voz do povo, para encontrar a felicidade?

Partiu.

Andou, andou, caminhou, para, depois de muito andar, de muito caminhar, chegar finalmente a Belém.

Viu o Tejo. Admirou o mar.

Belos! Grandes! Mas... maior do que ambos, a sua Estrêla, a sua terra!

Passou um dia. Passou outro, e passaram três sem que encontrasse o prometido bem!

Debalde procurava no sono reparador a voz que tão insistentemente lhe anunciara a felicidade.

Veio a desilusão. Era mister regressar.

Aconchegado nas samarras que lhe serviam de agasalho, postos os safões nas pernas e o sarrão a tiracolo, iniciou a marcha.

Atravessou a primeira ponte.

Um almocreve que se dirigia a Belém, estranhando a presença de um serrano por aquêles sítios, dirigiu-se-lhe:

— Estranha é aqui a tua presença, pastor! ¿Que fazes por estas paragens?

Entre envergonhado e tímido, hesitante, contou:

— Durante três noites seguidas ouvi, em sonhos, uma voz que me dizia: — «Vai a Belém e lá encontrarás o teu bem». Cheguei há já três dias. Estou entrado no quarto sem que se me tenha deparado o tal *bem*. Desenganado, resolvo ir-me embora pró-pé do meu rebanho.

O almocreve, que ouvira em silêncio o serrano, ficou pensativo.

E' que também êle sonhara com um tesouro e de há muito hesitava sôbre se deveria ir procurá-lo ou se não deveria dar importância ao sonho.

— Pois, amigo — disse — também eu sonhei que, no sítio de Belmonte, lá para as bandas da Estrêla, debaixo da penha onde uma cabra amarela com a cria vai deitar-se todos os dias, se encontram uma cabra e um cabrito de ouro. Tenho hesitado entre ir ou não ir procurá-los, mas, depois da narração que me fazes, não pensarei mais em tal.

Sonhos... são sonhos!...

O pastor ouviu e calou.

Despediram-se. Desejaram-se saúde.

. . . .

— Cabra e cabrito de ouro em Belmonte, na sua terra... ia êle pensando.

¿No sítio onde uma cabra e o seu cabrito vão deitar-se!?...

Recordava-se!... Efectivamente, à hora do *rodeio* não havia quem tirasse de certo *barrôco* a sua *marela*.

¿Estaria ali o seu bem?... Cheio de ansiedade, partiu.

Seria agora mais comprido o caminho...

— Belmonte!... ¿A penha ou barroco onde a cabra ia deitar-se?! Cabra e cabrito de ouro?!

Mas... tudo devia ser sonho!

. . . .

A viagem fôra rápida — o mais rápida possível — e, em Belmonte, a sua primeira preocupação foi revolver a penha. Levantada, lá estavam efectivamente, protegidos e guardados por ela, uma cabra e cabrito de ouro. Pensou e meditou:

— ¿Teria encontrado, finalmente, o seu bem?

A simples posse da cabra e do cabrito dar-lhe-iam a felicidade!...

¿E se fôsse oferecer uma das peças ao Rei, reservando para si e para os seus o valor da outra?

Se bem o pensou melhor o fêz, e ei-lo de longada até à Côrte.

Uma vez no palácio real pediu insistentemente que o deixassem falar a sua Majestade, para quem trazia um presente.

Relutância da guarda, recusa formal de quem superintendia em tal serviço.

Não podia ser. O Rei não recebia pastores.

Nova insistência, novos rogos, novos pedidos, até que, depois de muito pedir, de muito insistir, foi levado à presença do Monarca, que se encontrava rodeado de fidalgos.

Ante todos, não sabendo a qual dirigir-se, inquiriu — ¿Qual de vossemecês é o ti Rei?

O Monarca, achando-lhe graça, deu-se a conhecer.

— Pois então saiba que tenho ali fora uma cabra e um cabrito e que é de minha vontade dar-lhe uma das peças, à escolha de vossemecê.

— Pois então, visto que queres obsequiar-me, traz o cabrito que sempre é mais tenro.

O pastor saíu e, voltando, desenrolou de entre samarras o cabrito de ouro e depô-lo nas mãos do Rei que, maravilhado e agradecido, lhe disse:

— Homem, grande tesouro me apresentas; mas, se eu soubera que a cabra e o cabrito eram de ouro, teria antes escolhido a cabra.

O pastor pediu licença para ir buscar a cabra, e igualmente lha oferecer.

Assim foi. Saíu e voltou com a cabra de ouro que depôs nas mãos do Rei.

— Conta-me, homem, a origem de tão grande riqueza.

E o pastor contou.

— Pois então — disse-lhe o Rei — vai, sobe ao Monte onde encontraste o tesouro e tem como teu, que to dou eu, tudo o que dêle avistares.

E, mandando ajaezar um cavalo, continuou:

— Não irás a pé. Montarás um cavalo que vou oferecer-te, e tôdas as terras que percorreres num dia, igualmente tas ofereço.

E assim foi! Assim se formou a grande casa dos Cabrais e, assim, ainda hoje, na singela tradição do povo, o brasão da nobre família — duas cabras passantes — tem origem na cabra e cabrito de ouro, do pastor.

A CONFUSÃO DAS PORTAS

TRINTA e um de Dezembro, noite alta, o frio corta e o vento ruge! Perpetuando velhos costumes da Beira Baixa, as famílias de Bemquerença, reünidas e aconchegadas ao lume crepitante da lareira, evocam as melhores tradições da sua terra, velhas lendas e contos de mouras encantadas e — conseqüência da festa maior da época — relembram a vida, em pormenores, do *Menino Jesus*.

Em quási todos os patriarcais concílios, há um

santo ou uma santa avòzinha, queixo a juntar-se ao nariz, faces enrugadas e cabelos brancos, a contar aos filhos e aos netos o que já seus avós lhe transmitiram em idênticas noites de fraternal convívio.

Ouçámo-los:

— «Numa cabana dos arredores de Belém, onde Nossa Senhora pernoitara por não haver lugar na cidade, nasceu o menino Jesus.

A notícia, obra de Deus, foi levada pelos anjos a todos os pastores das redondezas, que não se demoraram a vir a adorá-lo.

A fama correu. Por tôda a parte constava já que viera ao mundo o Rei dos homens, o Salvador da humanidade.

¿O que haveria de verdade em tão sensacional notícia?

Herodes, senhor da Judeia, resolveu consultar os Doutores.

— Efectivamente — disseram êstes — segundo a profecia, Jesus Cristo, Senhor que será rei de Israel, nascerá em Belém!

Perante tal resposta, Herodes ordenou que, imediatamente, partissem emissários à procura do Menino e o trouxessem à sua presença.

Emissários partiram, efectivamente, mas, por mais que andassem, por mais que procurassem e percorressem montes e vales, não obtiveram notícias dÊle.

Quis o acaso que um dos perseguidores, depois de muito andar, de muito procurar, descobrisse, já bôca-noite, o rasto da Sagrada Família.

Estava-se no sétimo dia depois do nascimento.

Para não perder o sítio (anoitecia e encontrava-se em terra estranha) correu a atirar uma porção de farinha à porta, partindo imediatamente em procura dos companheiros.

Estava descoberto o mistério! As ordens de Herodes iam ser cumpridas e, conseqüentemente, o Menino Jesus levado à sua presença.

Encontrados os companheiros, inebriados de alegria pela notícia da descoberta, dirigiram-se todos, apressadamente, em procura da porta enfarinhada. Percorreram uma rua, outra rua, ainda outra, muitas, umas após outras, sem que a porta aparecesse! Nisto, deu a meia noite, e, ràpidamente — milagre de Deus — tôdas as portas apareceram marcadas com farinha!

¿Onde a morada de Jesus?

Atónitos, tocados de fôrça estranha, fugiram!

Confundidos e amedrontados, abandonaram Belém!

. . . .

— Obra de Deus! Obra de Deus!...

Bendito, louvado e adorado seja para todo o sempre! Assim rematam os santos velhinhos que, lágrimas nos olhos, incutem em filhos e netos a devoção e o amor pelo Menino Jesus.

. . . .

A meia noite está próxima.

Rapazes e raparigas deitam farinha branca, alvinitente, às mãos cheias, em pratos e tigelas.

O vento ruge, o frio é de enregelar; mas, ao cair da meia noite, afrontando o vendaval, lá andam êles, aos magotes, de porta em porta, de rua em rua, desenhando cruzes e também ramos e outros ornatos, recordação de que, na oitava noite depois do Nascimento, há mil e tantos anos, Herodes procurou inùtilmente o Menino, operando-se o *Milagre da confusão das portas*.

E todos os anos, pelos séculos dos séculos, na noite do Ano Novo, lá andam, há hora da meia noite, rapazes e raparigas da Bemquerença, perpetuando a tradição, tão encantadora e tão bela, da salvação do *Menino Jesus*, a enfarinhar as portas.

O BARROCO DO FRANCÊS

Se a história da Beira Baixa é fértil em factos ou acontecimentos que bem atestam o grande amor que sempre os nossos antepassados tiveram pela independência, muitos há ainda ignorados e apenas perpetuados pela reprodução ou repetição oral do povo.

A tradição que vai seguir-se é um exemplo.

. . . .

O castigo das invasões francesas caíu logo de entrada na zona fronteiriça da nossa Província.

Os concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco e Penamacor, especialmente as freguesias de Rosmaninhal, Segura, Salvaterra do Extremo, Castelo Branco, Alpedrinha e Sarzedas, sofreram as maiores inclemências e afrontas.

Esfomeados, rotos, verdadeiramente andrajosos, os soldados franceses praticaram ali tôda a casta de atropelos, vilanias e ultrajes.

E os povos — os seus moradores — cheios de

terror e sem recursos, os dirigentes a aconselharem moderação, o próprio Rei e a côrte voluntàriamente exilados, limitaram a sua acção a esconder os seus haveres e a procurarem, quanto possível, fugir com as espôsas e as filhas aos horrores da nova barbárie.

A' freguesia de Bemquerença chegou, mal ela se deu, notícia da primeira invasão.

Mulheres e raparigas, conhecedoras de tôda a casta de infâmias já praticadas em outros lugares, embrenharam-se nos densos matagais, que ao tempo quási circundavam a povoação, e, por isso, quando os primeiros invasores ali chegaram pouco mais encontraram do que a parte da população que nada possuia e que nada receava.

Mas alguns franceses conheciam algumas palavras portuguesas e formavam até frases completas. Valendo-se dêsses conhecimentos, subiam aos lugares mais elevados dos arredores da povoação e gritavam:

— Ó Maria! Anda, que já abalaram os franceses!

Ao que um dos da companhia acrescentava:

— Abalados fôssem êles para as profundas dos infernos!

Isto dito, escondiam-se à espera da prêsa.

. . . .

A' povoação chegou um dia a notícia de que fôra iniciada a resistência, e que a Nação ia levantar-se.

Dos esconderijos começaram a sair os mais animosos.

Nos postos elevados dos arredores já se não ouvia a grita dos facínoras a armar o laço aos incautos, mas a boa voz dos portugueses a pedir o regresso aos lares, para a luta contra o inimigo.

Em certa altura, na Bemquerença, apareceu novo grupo de franceses. A população, refeita do terror em que estivera envolvida, sedenta de vingança pelo canibalismo dos novos *hunos*, resolveu tirar vingança.

A luta travou-se dura, e, no campo, penhor certo de quem não sofre em silêncio uma afronta, ficou um francês.

E como do cimo de um barroco, no sítio do Calvário, face voltada à ribeira, mais de uma vez os moradores haviam sido enganados pelas falsas chamadas dos invasores, o povo resolveu cavar-lhe ali mesmo a sepultura.

E, por isso, através das gerações e pelos séculos dos séculos, hoje como no futuro, o «Barrôco do Francês» vai ensinando, e ensinará, que não se afronta impunemente a dignidade dos beirões.

L E N D A S

Ruinas de Idanha-a-Velha – Pág. 55

As Mouras da Serra d'Opa – Pág. 65

O Cantchal das Letras – Pág. 67

As Mouras da Serra d'Opa – Pág. 65

ntigas e novas "letras" do Cantchal – Pág. 67

O Barroco do Francês – Pág. 45

SANTO ANTÓNIO E O LÔBO BRANCO

A ânsia de maiores rendimentos e a necessidade de melhor aproveitamento dos extensos incultos de entre Zebreira e Alcafozes, levaram alguns moradores desta última povoação — a que se juntaram outros de Monsanto e de Idanha-a-Velha — a fixar-se, no comêço do século XIX, a sudoeste da Serra da Monrracha, junto da ribeira da Toula.

Surgiram as primeiras cabanas de colmo, constituíu-se o primeiro núcleo de povoadores a que vie-

ram associar-se outros de Idanha-a-Nova, Salvaterra do Extremo e Zebreira, por forma que Toulões tinha já em 1840 mais de quarenta fogos.

Apascentando os seus rebanhos, cultivando as terras de *Malhadiz* foreiras do município de Monsanto, a vida, embora dura, corria-lhes em boa paz.

Em presença de extensos matagais que o duro trabalho de cada dia não chegava para desbravar, todos, homens e mulheres, velhos e crianças tinham o seu mester.

Enquanto os homens acompanhavam, rêgo a rêgo, as juntas de bois no revoltear do terreno, ou levantavam, de sol a sol, o pesado *enchadão*, as mulheres entregavam-se aos serviços domésticos, à sacha e à monda nos campos, e as crianças à guarda dos rebanhos.

E, mal o sol despontava, lá iam todos, diàriamente, campo em fora, cada qual à sua ocupação.

No lar de uma das pobres choupanas, preparada já a ceia e reünidos os familiares, faltou certo dia o mais tenro dos pequeninos.

Debalde esperaram os seus, por largos minutos, o regresso.

Divulgada a notícia pela povoação, todos os moradores, núcleo de bons vizinhos, onde os desgostos como a alegria de um são desgostos ou alegria de todos, pressentindo desgraça, correram à porfia, montes e vales, a gritar e a clamar inùtilmente pelo infeliz desaparecido.

Passaram dias, correram meses, e novas crianças faltaram.

Inùtilmente procuravam aquelas almas aflitas, na simplicidade dos seus conceitos, razão justificativa de tão grande desgraça!

Os mais velhos, baseados na velha crença de que lôbo que uma vez se alimente de carne humana passa a atacar e procurar o homem, atribuíam àquelas feras a sua dor, o seu luto.

Toulões passava dias aflitivos.

Um grupo de homens bons, seguros na sua fé, resolveu tomar a iniciativa duma festa a Santo António, advogado das coisas perdidas e patrono dos vivos, para que os livrasse de tão grande dano.

A festa realizou-se, efectivamente, com o maior luzimento, e desde então, aquêle pequenino povo, escudado na sua devoção pelo santo, passou a viver confiante, sem maiores receios. Desaparecera a origem dos seus sobressaltos e da sua dor.

Dificuldades monetárias que surgiram, ou desleixo que o nosso povo costuma bem traduzir nas palavras «só lembra Santa Bárbara quando faz trovões», deixaram que a festa caísse em desuso.

Passaram dias, anos, e quando todos se julgavam em boa paz e segurança, Jerónimo Manso, de poucos anos de idade, que apascentava o gado de seus pais, foi súbita e inesperadamente atacado por um lôbo de côr pardacenta com uma malha branca no abdómen. A's garras da fera teria perecido se

lavradores que próximo andavam não tivessem acudido com rapidez aos gritos aflitivos do pequeno.

Ao pobrezinho pôde ainda a fera roubar um pedaço de couro cabeludo, pelo que teve de usar, durante tôda a sua vida, que foi comprida, um pedaço de cabaça das de trepar, para proteger a parte desnudada.

Estava o povo de Toulões reentrado em amargurados dias de desassossêgo e intranqüilidade!

Era preciso dar caça à fera, empregar os últimos esforços para que, de uma vez, se limpasse o lugar daquela *peste*.

Exímios caçadores percorreram as redondezas. Viram o lôbo, chegaram mesmo a atirar-lhe.

Voltar a cumprir a promessa feita a Santo António era dever de boa gratidão, remédio certo, na crença e fé de Toulões.

E a festa, embora à custa de sacrifícios, ressuscitou.

Veio a música, e à missa, que foi a grande instrumental e com tôda a pompa, acorreu todo o povo debaixo da mais funda impressão. E quando todos se preparavam para fazer sair a prócissão: pendões já no ar, insígnias multicolores de confrarias a dar nota garrida, alguém veio dizer que o lôbo fôra encontrado morto no campo.

Muitos correram a certificar-se da veracidade da boa nova. Hossanas a Santo António! A fera estava efectivamente morta! Lágrimas de dor, mas lágri-

mas de alegria! Santo António, que era já Santo, passava a ser, mais do que nunca, protector de Toulões e advogado das coisas perdidas!

E a fé que revolve montanhas, a fé santa e pura que salva e redime, passou a ser mais sólida e mais vigorosa do que nunca entre os incansáveis e bons vizinhos da Toula: os toulões.

VALE DA MATANÇA — RIO PONSÚL

A luta ia renhida. De encontro à resistência heróica, quási sôbre-humana, dos destemidos habitantes da Lusitânia, desfaziam-se grandes legiões comandadas pelos melhores generais romanos.

A' cuidada preparação dos legionários e à sistemática instrução que, quer no manejo das armas quer em exercícios atléticos, lhes era ministrada na *Urbs*, antepunham os lusitanos o seu grande amor ao torrão natal auxiliados pela defesa natural que as sinuosidades do terreno lhe proporcionavam, pela sobriedade na comida e no vestuário, e pela fôrça indómita de quem, acima de tudo, quere viver independente e livre.

O povo de que descendemos soube e pôde assim quebrar, durante anos, os ímpetos do maior exército do mundo, inflingindo-lhe por vezes derrotas sanguinolentas. Vieram legiões, partiram legiões sem que conseguissem levar ao *Forum* a grata notícia da submissão das tribos da Lusitânia.

Roma viveu dias de pânico, chegando mesmo a recear pelo resultado final!

. . . .

Corriam os primeiros anos do segundo século antes de Cristo. A cidade da Egitania (Idanha-a--Velha) caíra em poder dos romanos.

Dentro e fora das muralhas ia uma vigilância aturada: dentro, a dos romanos a prepararem-se para novas surtidas, fora, a dos lusitanos, esperando, através de constantes e duras vigílias, o momento azado para lhes inutilizar a acção.

O Pro-cônsul romano resolveu um dia inflingir severo castigo aos audaciosos lusitanos, cujo atrevimento chegara ao ponto de irem, ali mesmo, às portas da cidade, espreitá-lo e desafiá-lo.

Para isso dirigiria êle próprio a surtida ao campo inimigo. E, de facto, marchando como para triunfo certo, saiu por uma das portas da cidade à frente das suas tropas.

Os soldados lusitanos que próximo, por entre os densos matagais, o espreitavam, fremiam de raiva. A superioridade do inimigo era manifesta, mas, aprestados os escudos e enrijados os músculos, enquanto os legionários avançavam, aproximavam-se os lusitanos da estrada. Estão quási à mão! Mais um momento! Como feras, como gigantes, aquêle punhado de heróis, de valentes caíu à cutilada, à machadada sôbre os invasores. A luta foi dura, sobretudo porque era desigual.

Muitos pagaram com a vida o seu indómito

espírito de independência, a sua devoção patriótica, mas no campo inimigo a mortandade foi tal que, desde então, para se continuar até hoje, o local, pequeno vale entre a estrada e o rio, ficou conhecido pelo *Vale da Matança*.

Mal ferido, entre as vascas da agonia, o Pro--cônsul, que a custo se arrastara até junto da água, exalou ali o último suspiro [1].

Do facto — reza a tradição — ficou ao rio o nome de *Procônsul* para, com o andar dos tempos, se chamar, como ainda hoje se chama, *Ponsúl*.

---

[1] O povo diz que o cadáver do Pro-cônsul seguiu para Roma envolvido em mel, dentro de um odre de pele de boi.

SANTA MARTA

No ponto culminante da serra que se chama de Santa Marta, apareceu outrora, abrigada em pequena choça, uma imagem de pedra.

Sua origem ninguém a sabe.

O que o povo afirma na tradição de alguns séculos, é que um desassisado, condoído do estado de abandono a que a imagem fôra votada, juntou pedras para uma capelinha, que construiu, e onde a recolheu.

Tempos antigos em que a serra, em razão dos matagais, era quási inacessível, tempos de feras que

por vezes investiam contra os próprios povoados, jamais o pobre louco sofreu qualquer dano.

A serra é extensa e a pedra distante; e, por isso, êle subiu e desceu, dezenas, centenas, senão milhares de vezes a encosta, no desempenho da sua missão, sem que os lobos, que ali perto assaltavam os rebanhos, o molestassem.

Os anos passaram, e quatro pastores, sem dúvida mais selvagens que as próprias feras, destruíram num dia tôda a obra do devotado servo de Santa Marta, fazendo desaparecer a capelinha e a imagem.

A indignação do povo foi grande, e os sacrílegos destruïdores obrigados a pagar quatro libras para a reconstrução da capelinha e aquisição de nova imagem. Novo templo foi então construído e nova imagem foi comprada!

E por isso, ainda hoje, pontinho branco bem visível de tôda a região que vai de Idanha-a-Nova a Alpedrinha, à Capinha e a Monsanto, e de quási todo o concelho de Penamacôr, lá está no mais alto da sua serra, a *Senhora Santa Marta*, advogada e protectora dos moradores de Bemquerença.

O MURO DO LANÇAROTE

O inverno corria tempestuoso e agreste. Contra o que geralmente acontece, os cumes dos montes que delimitam as extensas *Campinas* de Idanha-a-Nova já nesse ano haviam sido visitados por um forte nevão.

Na *Serra*, como no *Campo*, a fome e o frio atormentavam a criação, e os lobos, que há muito não eram pressentidos, começavam a espreitar os rebanhos.

Desapareceram os primeiros borregos.

— Mau foi começarem, diziam velhos pastores! Ao assalto furtivo vai com certeza seguir-se a luta a descoberto! De nada valerá a resistência dos possantes e fiéis cães, a grita dos homens ou os braseiros e lumieiras acesos durante a noite!

Os assaltos repetiram-se, de facto.

Lavradores e pastores começaram a sentir a necessidade de encarar a sério a situação, de dizi-

mar, de exterminar as feras que, ao que se dizia, eram em número elevado.

Fizeram-se convites aos caçadores das redondezas, começou a provisão de balas e zagalotes para a grande batida que limparia a região de tão ruim peste.

Nisto chegou à vila a notícia do desaparecimento de um dos melhores touros de uma das vacadas do têrmo; e se uns tinham como certo tratar-se de proeza de lobos, a grande maioria não acreditava que um touro se deixasse vencer por aquelas feras.

O vaqueiro percorreu a Campina, inquiriu, preguntou debalde, por todos os cantos, pela melhor cabeça da sua vacada.

Se os lobos a tivessem comido apareceriam os ossos, o *calhabouço!*

E não obstante ter, como se disse, percorrido dum extremo ao outro todos os raros esconderijos das redondezas, nenhuns vestígios ou restos encontrou!

Passaram dias. Os rebanhos deixaram de ser atacados. A' tempestade sucedeu a bonança. Pastores e lavradores começaram a estranhar a ausência das feras, e, quando ainda procuravam uma explicação para o estranho desaparecimento do boi, surgiu um pobre e velho lavrador, com sete peles de lobos corpulentos, a contar que tendo acabado a colheita da azeitona resolvera, aproveitando o período de acalmia nos trabalhos agrícolas, visitar as suas col-

meias, ir até ao seu *muro* [1]. Ao transpor a porta, viu, com grande espanto, que dentro havia restos do esqueleto de um boi e, próximos, cinco lobos mirrados, esqueléticos, quási mumificados, além de dois já mortos. Com o varapau que o acompanhava acabou o martírio aos que ainda davam sinais de vida. E explicava assim o estranho caso:

— Os lobos atacaram o touro quando êste estava desgarrado ou afastado da vacada. Próximo ficava o *muro*. O touro lutou e, seguindo o costume inacto dêstes animais, encostou-se à parede para melhor se defender. A luta continuou, e o boi, sempre na defesa e sempre encostado, veio a achar-se junto da porta do *muro*, que se abriu. Recuando sempre, entrou, e os lobos, esfomeados, ululantes, avançaram ficando todos dentro do circo de altas muralhas que servia de abrigo às diligentes abelhas.

A luta era de vida ou de morte, e o touro, que recuando abrira a porta, igualmente, recuando e defendendo-se, fechou-a.

Feras e touro ficaram assim enclausurados no circo de altas paredes que era o *muro*.

A luta devia então travar-se formidável. O touro, a espumar, a urrar, a revolver o chão, os dentes das feras a cravarem-se-lhes nas ancas entumecidas, o sangue a jorrar e a ensopar o campo, os lobos, apanhados nas pontas do touro, a voar de

[1] *Muro* é um recinto fechado, de forma arredondada, com uma única porta, povoado de cortiços com abelhas.

um lado para o outro, as abelhas, cortiços em desalinho, a importunar os invasores da sua *cidadela*, a vitória devia, lògicamente, pertencer às feras.

A's arremetidas de uma alcateia esfomeada e ágil, ao ataque persistente de sete lobos esfomeados, o touro, sem comida nem bebida, devia, necessàriamente, sucumbir. Exangue, espumante, enraivecido, as fôrças devem ter começado a faltar-lhe! A agonia, lenta, sofredora, chegou e logo, para os lobos, o festim, que deve ter durado por alguns dias. Senhores do triunfo, estômago aconchegado, devem em todo o caso ter sentido, desde o primeiro dia, a ânsia de liberdade.

Mas, o *muro* era inexpugnável e a única porta de saída estava fechada! Olhavam-se e remiravam-se, mas sem remédio!

Comeram o que lhe restava, esburgaram os ossos do touro. A fome começou a dominá-los. Passaram horas, volveram dias. Debalde fitavam o *muro* e o círculo do céu que êle deixava a descoberto! A morte aproximava-se lenta, inevitável; e por isso, dizia o lavrador: — Quando entrei no colmeial duas das feras já estavam mortas e as demais sem fôrças. Por isso a minha acção se limitou a acabar-lhes com a vida e a arrancar-lhes a pele.

O desassossêgo e sobressalto de lavradores e pastores acabou também, e o facto, como estranho e único na história das *Campanhas* de Idanha-a-Nova, é, ainda hoje, memorado e contado como se contam contos de fadas!

AS MOURAS DA SERRA D'OPA

NÃO há cantinho do velho Portugal que não tenha, em velhos castelos roqueiros, em fragas inacessíveis ou em ruínas de passado distante, lindas mouras de cabelos de ouro, de formas esbeltas e de superior encanto, presas por eternos desígnios a uma eternidade infinda.

E é talvez por isso que, também no distrito de Castelo Branco, entre outros lugares, no sítio da Penha, no cimo da Serra d'Opa (Vale de Lôbo) lá vivem elas, lindas entre as mais lindas, escondidas entre enormes penedias, para, uma só vez em cada ano — di-lo o povo — na noite de São João, saírem a estender preciosas meadas de ouro que guardam e só entregarão a quem, naquela noite, à meia noite, apanhar a semente do feto real.

E como os fetos abundam próximo, e como a vida é difícil para todos os que a ganham com o suor do seu rosto, muitos, de geração em geração, teem subido, encosta acima, até ao cume da

Serra, a estender pelo chão lenços e toalhas, na ânsia de acertar com a planta que deixará cair o precioso fruto

E, usando e empregando superstições várias, chamando mesmo a cruz em seu auxílio (alguns teem atado às quatro pontas dos lenços moedas de cruzado) muitos, todos lá teem ido e de lá teem vindo sem o tesouro, desiludidos, e, mais do que desiludidos, amedrontados e confundidos!

E' que, ao cair da meia noite, sempre e inalteràvelmente, ruge formidável tempestade que ameaça subverter a própria terra! E' que, àquela hora e naquele local, os trovões são tantos e de tal ordem que o mais animoso sucumbe! E assim, através das gerações, todos os que teem pretendido quebrar o encanto, recolher as riquezas e libertar as eternas e lindas sacrificadas, teem, na fuga, achado demasiado comprido, na noite de São João, o caminho da Serra! E por isso, lá entre penhascos, junto de enormes penedias, continuam encantadas, lindas, muito lindas mouras, de tranças de ouro, a guardar, pelos séculos dos séculos, grandes, enormes riquezas.

A PEDRA DO GATO OU O CANTCHAL DAS LETRAS

Na margem esquerda do Rio Erges, em território de Espanha, encontravam-se insculpidos em grande penedo, conhecido pelo *Cantchal das Letras*, bem destacado, quási a prumo sôbre a planura de uma lage e voltado para Portugal, sinais enigmáticos.

Desde tempos remotos que o povo de Sêgura, que habita quási em frente, na margem oposta do rio, os olhava entre desconfiado e supersticioso.

Origem, fim ou significado das letras ou sinais?

Debalde, gerações sucessivas repetiram a pregunta, improficuamente procuraram resposta nas artes misteriosas do ocultismo.

Mas entre o povo houve sempre quem afirmasse que o *Cantchal* estava virado para grandes tesouros escondidos em terras de Portugal, e que quem conseguisse bem interpretar as *letras* seria possuïdor de enorme riqueza.

Moradores de Sêgura, os mais ambiciosos ou sonhadores, exploraram, inùtilmente, vezes sem conto, vários pontos da margem portuguesa do rio. Um dia, certo proprietário que procedia, por aquêles sítios, à renovação de um muro, descobriu boa porção de pintos, e então a lenda tomou foros de cidade, e o povo passou a acreditar, ainda mais, que grandes tesouros existem na margem portuguesa do rio Erges, em sítio que o penedo olha, e primitivos sinais, nêle insculpidos, indicavam.

Tendo eu publicado, valha a verdade com certa restrição mental, na primeira edição dêste livro a lenda e desenho conforme informação prestada, com a melhor boa fé e espírito de colaboração, pelo meu velho amigo Sr. professor António Marques, não quis proceder a esta segunda edição, sem, em pessoa, ir ver o penedo e ouvir a voz do povo. E fui, efectivamente, em comêço de Janeiro dêste ano de 1944.

Não me arrependo de ter ido. Vale a pena lá ir por mais de uma razão.

Se amas o alpinismo, se sabes ou podes avaliar o que seja descer da altura de mais de cento e cinqüenta metros, quási a prumo, para o leito do Rio Erges, por uma vereda de terra sôlta que se desfaz, que se esboroa sob os nossos pés, tendo como único apoio pequenos e desgarrados arbustos, e subir em seguida, a igual altura, na margem oposta, agarrado a penhascos mal seguros, alguns oscilantes, que ameaçam despenhar-se con-

nosco sôbre penedos ciclópicos que fazem ponte sôbre o rio, vai, leitor, ao *Cantchal das Letras.*

E' certo, segundo me informaram, que os contrabandistas, quantas vezes pela escuridão da noite, vão e veem ajoujados com os objectos do seu negócio, como nós vamos ou vimos em caminho plano e fácil!

Vale a pena ver aquêle pedregulho enorme, bem diferenciado, por seu tamanho e feitio, de todos os demais, também grandes, que o cercam, e, sobretudo, admirar, daquele púlpito ou alta varanda, o abismo enorme, profundo em que o rio corre aos ziguezagues por entre a massa granítica de elevados montes.

Não esqueças porém o passaporte porque a pedra está em território espanhol e a fronteira está ali tão bem desmarcada pela corrente do Erges que nem mesmo em missão científica deixarás de ser incomodado se prèviamente te não acautelares!

Fui, repito, ao *Cantchal das Letras.* De sinais ou inscrições não vi coisa que haja de contar, tantos são já os nomes e os riscos que curiosos nêle tem insculpido desde que, em 1892 (há cinqüenta e dois anos) o Sr. Luís da Costa Pinheiro, funcionário das alfândegas, actualmente aposentado, lá gravou uma charada com que procurou reproduzir, a seu modo, a lenda.

Contou-me o próprio Sr. Luís Pinheiro que, acompanhado do *Paneta*, pobretana de Sêgura, e munido de uma escada que pediu emprestada ao

moleiro de um moinho próximo, gravou então, conforme se vê na fotografia que noutro lugar se publica, os seguintes sinais:

✂—A+OS MOU = 0

Segundo o Sr. Pinheiro, tesoura — (menos) *A* + (mais) *OS* significa *tesouros*, a silaba *MOU* e = (riscos) *Mouriscos*. O pote representa o sítio onde estão guardados os tesouros.

O Sr. Costa Pinheiro informou-me ainda que existiam, de facto, no penedo, em 1892, sinais que êle não sabia decifrar, e confessou-se arrependido de ter inutilizado o que, possivelmente, pessoa ou pessoas competentes, viriam a traduzir com proveito para a ciência e para o estudo do passado.

Deixo assim reposta a verdade dos factos.

O *Canichal das Letras*, não obstante tôdas as destruïções e irrequietismo dos homens, lá continua e continuará, enquanto cataclismo maior o não destruir, a afirmar a sua grandeza, e o povo a acreditar que alguma coisa, mais do que as outras grandes pedras que o cercam, êle representa e encobre.

PRAGA DE MÃE

LABUTANDO dia a dia no seu esgotante mestér, levava vida dura e amargurada, em Alpedrinha, uma pobre forneira.

Para quem não é rico, todos os recursos, geralmente feitos de pequenos nadas, são de considerar, e por isso ela ia guardando com o maior cuidado, no canto da sua arca, todos os ovos que as galinhas iam pondo.

Passára já o inverno e entrara a primavera com seus lindos dias de sol morno, criador.

Era a altura de deitar os ovos.

Saïriam pintainhos, criá-los-ia e, com o produto da venda, poderia acudir a qualquer necessidade mais urgente.

Os ovos foram deitados, e os pintainhos nasceram.

E, cresciam e desenvolviam-se a olhos vistos.

Mas a sua vida, como se disse, de labor diário e quási permanente, obrigava-a a deixar a casa e a entregar a ninhada à guarda dos seus três pequerruchos. Filhos e pintainhos, os primeiros em inocentes brincadeiras, os segundos pipiando em procura de algum grãozinho, viviam e cresciam sem novidade.

Um dia, os rapazes (confirmando o velho ditado: «rapazes são sempre rapazes e nem o demo quere nada com êles») deixando-se das habituais brincadeiras, começaram a agarrar um, depois outro, ainda outro, e todos os pintos, mergulhando-os e afogando-os no caldeiro que lhes servia de bebedouro.

Não houve defesa possível.

Nem o piar aflitivo das avezinhas, nem a resistência heróica da galinha conseguiram evitar a catástrofe! Quando a pobre forneira regressou, nada mais pôde já fazer que chorar com lágrimas de dor a sua triste sorte! Os pintos estavam todos mortos!

E deu largas ao seu grande desgôsto: berrou, gesticulou, lamentou-se!

— Tanto trabalho, tantos cuidados para... nada

E não se conteve que não começasse uma praga.

— Que Deus vos...

Mas... eram seus filhos e demais sabia ela que «praga de mãe cai sempre!...»

— Que Deus vos faça... Sobrepondo a afeição à ira, deixando falar o coração, continuou: a um, bispo, a outro, arcebispo, e a outro, cardeal em Roma.

Em boa hora ela o disse!

«Praga de mãe cai sempre!...»

E por isso as suas palavras foram ouvidas por Deus.

O mais velho foi, de facto, Cardeal em Roma (D. Jorge da Costa) o imediato Arcebispo de Lisboa (D. Martinho) e o terceiro Bispo (D. Jorge).

*

Há uma versão em Alpedrinha que diz terem os pintainhos sido afogados numa caldeira de água a ferver, e a praga ter sido rogada à hora da missa, entre a elevação da hóstia e do cális, porque, para caírem, as pragas devem ser rogadas naquele momento.

SENHORA DOS ALTOS CÉUS

DENTRE as muitas festas e romarias que se realizam na Beira Baixa, poucas oferecem tanta originalidade em seus costumes como a da Senhora dos Altos Céus, da Lousa.

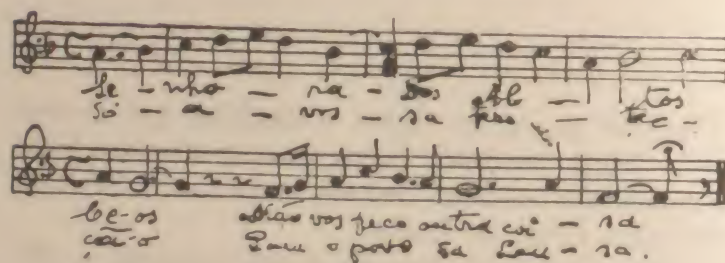
Vem de tempos remotos a sua invocação e, não há muito ainda, os povos dos arredores acorriam, em diversas épocas do ano, ao seu santuário.

Por 1640 foram os campos das redondezas invadidos por terrível praga de gafanhotos.

O povo, que adorava na sua Igreja vários santos, resolveu deitar sortes sôbre qual deveria especialmente invocar para o livrar da terrível peste. Coube a missão à Senhora dos Altos Céus, o que os lousenses tiveram como bom augúrio, por ser Ela a Santa da sua maior devoção. E, por isso, prometeram, em voto perpétuo, consagrar-lhe, anualmente, grande festa que se realizaria no terceiro domingo de Maio.

E, pela confiança que tinham em que a Senhora

os atenderia e a praga desapareceria, logo no próprio dia da promessa, cantaram, dançaram e balharam:

> Senhora dos Altos Céus,
> Não vos peço outra coisa,
> Só a vossa protecção
> Para o povo da Lousa.

Tendo passado um homem, já velho e sisudo, pelo local da dança, estranhou tão prematura alegria e não se conteve que não dissesse: — *balhai, balhai que também os galfanhotes balham nas vossas searas!*

Aborrecido, triste, irritado com tão descabida satisfação dos seus conterrâneos, saiu da povoação e foi para o campo, onde, com grande surprêsa verificou que os terríveis roedores tinham desaparecido! Voltou por isso célere à povoação a contar o que vira e a incitar todos os seus patrícios a dançar e a balhar em louvor da Senhora dos Altos Céus. E êle próprio balhou e dançou.

E os balhos continuaram, entre a maior alegria, e as festas passaram a durar, nos anos seguintes, três dias: de sábado até terça-feira. Não tem esmorecido o entusiasmo dos lousenses na sua adoração pela Virgem dos Altos Céus, e ainda hoje não há casa que naqueles dias não faça os seus *busquétes* e doces, que não abata a sua rês ou não vá ao talho, e não cozinhe o célebre prato de arroz de tripas para o almôço de domingo.

Uma comissão, composta de juiz, tesoureiro e escrivão, recebe anualmente o encargo da festa. O juiz sai, por ordem de inscrição, de uma lista de dez nomes, de que fazem parte as pessoas mais gradas da localidade. O tesoureiro e o escrivão são de escolha anual.

Pela tarde de domingo, antes que a procissão saia com os seus guiões, bandeiras e imagens, são as insígnias arrematadas pelos que, durante o ano, fizeram promessa de as conduzirem.

Os festeiros dão-lhes determinado valor antes da saída da Igreja. Esta importância é imediatamente coberta por um dos pretendentes e elevada em seguida por outros. E os lanços vão caindo até ficar um só licitante em campo. A êste incumbe transportar o guião, bandeira ou perna de andor até ao sítio onde os festeiros resolverem abrir novo lanço. Pela noite há danças e descantes, e, em outros tempos, sobretudo antes de existir o fogo preso, havia *entremês* à porta da Igreja.

Na segunda-feira, pelo meio-dia, começa a exi-

bição das velhas danças *da genébres, das donzelas* e, *das tesouras*, e os cantos, em *chacota*, cuja origem, ao certo, ninguém conhece. Deles nos ocupamos especialmente na parte dêste livro referente a *Costumes*.

NA FUGA PARA O EGITO

A MALDIÇÃO DOS TREMOÇOS

DESENROLAVA-SE na Judeia o grande drama que a humanidade há mais de dois mil anos comemora com grandes solenidades como as do Natal, Ressurreição, Pentecostes, etc.

A Virgem Maria e São José fugiam para o Egito no intuito de salvarem a vida do Menino Jesus.

Em certa altura da extensa jornada, chegou aos ouvidos dos santos viajantes um som prolongado, arrastado, como de plantas sêcas que estão a ser pisadas.

Receosos e entimidados, suspenderam a marcha, perscrutaram o caminho e os campos, e perguntaram-se mùtuamente:

— ¿Alguém que nos persegue e se aproxima por entre as searas?... Antes de terem descoberto motivo plausível para o estranho ruído, êste repetiu-se. E viram então que tinha origem num tremoçal já sêco agitado pelo vento.

Nossa Senhora, mal refeita do susto, exclamou:

— Eu vos amaldiçoo, tremoços, para que jamais farteis quem quer que vos coma.

E desde então, assim o afirmam os povos de Sêgura e do Ladoeiro, os tremoços deixaram de matar a fome aos que os comem.

A CONDENAÇÃO DA NOITIBÓ

Na mesma histórica jornada, acompanhou, durante muito tempo, os santos Viajantes uma ave de aspecto triste e canto lúgubre, que, voando, voando em pequenos vôos, ia dizendo e repetindo: — «cá vai», «cá vai», «cá vai».

E no abominável papel de denunciante, ia indicando a marcha da Sagrada Família.

Depois de a ter ouvido, compreendido e observado por algum tempo, a Virgem Maria disse:

— Eu te condeno, vil e abominável ser, a não mais poderes ver a luz do sol, a levares vida solitá-

ria e triste pelas sombras, a só voares junto do chão e não mais cruzares o azul dos céus.

Desde então a noitibó não pode suportar a luz do sol, só sai do seu esconderijo à hora do crepúsculo, não entra no convívio das aves e só voa junta ao chão.

PITINHAS DE NOSSA SENHORA

Ainda na fuga para o Egito, a pequena distância de Nossa Senhora e de São José, seguia uma modesta mas interessante avezinha.

Na cabeça uma poupa ou coroa, no seu todo de simplicidade qualquer coisa de insinuante.

São José, tocando a burrinha, caminhava acabrunhado e sempre receoso que os perseguidores de Jesus Cristo, guiados pelos rastos que ficavam no caminho, pudessem vir a prendê-lo.

A simpática avezinha, que vinha atrás e jamais deixou de os seguir, ia remexendo com o bico e com os pés os sinais do caminho, e dizendo: — «não o vi», «não o vi», «não o vi» [1].

E respondendo e contradizendo o canto da noitibó, acrescentava: —«mentira», «mentira», «mentira».

Os fariseus, que vinham no encalço, não pude-

---

[1] No Ladoeiro atribuem o mesmo facto à codorniz.

ram, pelos rastos, descortinar a marcha da Sagrada Família, e por isso, ainda hoje, o povo de Idanha-a--Nova não só não mata as cotovias, como lhes chama, com muito carinho, «pitinhas de Nossa Senhora».

A EXCOMUNHÃO DAS PENAS DA PERDIZ

Pela mesma ocasião, em outro lugar da jornada, estava escondida, próximo do caminho, uma perdiz que, com o seu vôo estridente e rápido, fêz estremecer os Santos Viajantes e espantou a burrinha.

A Virgem Maria, resolveu lançar-lhe a excomunhão, mas o Menino Jesus, intervindo, pediu que o castigo ficasse circunscrito às penas, (só elas haviam produzido o ruído) e que a carne continuasse a servir de alimento ao homem.

De facto assim foi. E por isso, desde então, afirmam-no os povos do Ladoeiro e de Sêgura, as penas da perdiz são feias, sem a fragrância e a beleza das da generalidade das aves.

COSTUMES

NOTA — Vide outros costumes da Beira Baixa, in - **Etnografia da Beira,** vol. III, págs. 53 a 125, vol. V, págs. 35 a 179, e vol. VI, págs. 53 a 177.

AS FOLIAS

VEM de tempos distantes a devoção e as festas em honra do Espírito Santo.

Instituídas em Alenquer pela Rainha Santa Isabel ([1]), difundiram-se e arreigaram-se por tal forma no nosso país que as próprias providências régias

---

([1]) P.e MANUEL DA ESPERANÇA — *Chr. Seráphica* — citado por Teófilo Braga em *O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições,* vol. 2.º, pág. 284.

contra os bodos [1] se curvaram perante elas, consentindo-lhes o que a nenhumas outras era permitido.

E por isso, se muito raras são as povoações que o não adoram em capela própria ou em altar privativo na igreja matriz, igualmente em muitas se manteem, como forma de adoração, velhos usos que, na sua origem, devem filiar-se em antigos cultos politeísticos [2].

Quem, ainda hoje [3], em qualquer dos domingos ou dias santificados que vão da Ressurreição ao Pentecostes, percorrer algumas povoações do distrito de Castelo Branco, encontrará vestígios, mais que evidentes dêsse culto, na folia, espécie de confraria, meio sagrada, meio profana, instituída para implorar

---

[1] D. Manuel, proïbindo todos os *vodos*, permitiu contudo que continuassem os do Espírito Santo.

«Que não se façam vodos de comer e de beber, pôsto que fóra das Igrejas sejam, e que digam que os fazem por devoçam d'alguns santos, sob pêna de todo o que para tal vodo se receber se pagar em dôbro da cadeia per aqueles que o assi pedirem e receberem nom tolhendo porém os vodos do Santo Espirito que se fazem na festa de Pentecoste porque sòmente concedemos que estes se façam e outros nenhuns nom.» *Ord. Man.*, liv. V, tit. 33, § 6.º.

[2] Teófilho Braga, obr. cit., pág. 284.

[3] Providências recentes do episcopado proïbiram a exibição das folias.

a protecção divina contra pragas e malinas [1] que às vezes infestavam os campos.

Banido do seu ritual e indumentária o que tinha de mais irrisório [2], a folia compõe-se geralmente de um rei, um pajem, um alferes, dois mordomos e seis fidalgos. Tem uma *bandeira* com sua oleografia ou bordado onde o Espírito Santo é representado por uma pomba, uma *varinha* de madeira guarnecida com fitas de sêda e flores artificiais, e uma *coroa* de lata igualmente ornamentada com fitas e flores.

O rei leva a varinha, o alferes a bandeira, o pajem a coroa, os mordomos cada um sua lanterna, um dos fidalgos o tambor, e, igualmente, outros fidalgos, uma pandeireta e uma viola, nas raras localidades onde êstes instrumentos eram usados. Em tôdas as festas e processões, os fidalgos, divididos em dois grupos: a *fala* ou *sonora*, e o *segundo-contra, baixo-falsete* ou *tipi*, não deixam de entoar os seus cânticos próprios e característicos com versos por êles improvisados ou herdados de seus antepassados.

---

[1] Entre outras, que eu saiba, há folias em Vale de Lôbo, Benquerença, Meimôa, e Meimão, do concelho de Penamacor, no Salgueiro (Três Povos), Capinha, Vale de Prazeres, Atalaia, Peroviseu e outras povoações do concelho do Fundão, e na vila de Belmonte.

[2] Noutros tempos algumas folias possuiam pandeiros, violas e outros instrumentos.

Cantam assim o Credo:

Todos devemos estar firmes
E crentes na nossa fé:
O que vemos e não vemos
Devemos crer que assim é.

Palavras de Deus escritas,
Quem as aprendeu as sabe,
São três pessoas divinas
As da Santíssima Trindade.

Estas são certas e boas
E advertidas na terra:
São três pessoas distintas
Que um só Deus encerra.

Pois a segunda pessoa
Chama-se Verbo divino,
A quem devemos amar
A tôda a hora e contino.

E' um Deus que tanto pode,
Pois o seu poder é tanto
Que se veio fazer homem
Por obra do Espírito Santo.

Tomou a humanidade,
O que não foi de varão,
Tudo por sua vontade,
Para a nossa salvação.

COSTUMES

Capela da Senhora da Póvoa — Pág 21

Vale de Lôbo (Vista geral) — Pág. 21

Senhora da Póvoa — Cumprindo o voto — Pág. 21

Senhora da Póvoa — Promessa — Pág. 21

Senhora da Póvoa — A dançar e a balhar — Pág. 21

A S   F O L I A S

Sua Mãe, Nossa Senhora,
A seus peitos o criou,
Concebeu e gerou,
E sempre Virgem ficou.

Milagre tão espantoso
Que dêste mistério sai:
Sendo Deus tão poderoso,
Como homem, não teve pai.

Perseguido dos judeus,
Que foram falsos à fé,
Não teve pai enquanto Deus,
Mas teve mãe que o mesmo é.

Nosso Senhor nos mostrou
Sinais da sua paixão.
Foram tantos e tais
Que não teem comparação.

Morreu verdadeiramente.
Como isto é verdade,
Corpo e alma presente,
Junto com a divindade.

Tornou a ressuscitar
Da Sexta para o Domingo,
E logo, no mesmo instante,
Tirou as almas do Limbo.

A sua luz foi aviso
Que a todos alumiou,
Abrindo-se o Paraíso
Para quem tanto o esperou.

Há uma Igreja católica,
Da Congregação se trata,
A cabeça desta paróquia
E' o pontífice: o Papa.

Outros mais altos mistérios
Se conteem nesta doutrina,
Deixou-os Deus sem remédio
E na igreja a medicina.

A Comunicação dos santos
E' dos bem-aventurados,
Os seus merecimentos são tantos
Que são nossos advogados.

Remissão dos pecados?
Deixou-a Deus na nossa mão,
Para sermos perdoados
Por meio da Confissão.

E' bem feita a Confissão,
Havendo arrependimento,
Acusando-se o pecado
E confessando-o a tempo.

Quem houver de comungar
Deve de estar em jejum,
Para bem receber
Ao nosso bom Jesus;

Salvo se alguém se achar
Numa doença tão grave,
Que haja de comungar
Em caso de necessidade.

Já depois da comunhão,
Um tão alto sacrifício,
Recebamos com atenção
Um tão alto benefício.

Ressurreição da carne,
Depois de todos os mortos,
E' certo, e é verdade,
Que tornarão as almas aos corpos.

Há uma vida eterna
Lá no dia de Juízo:
Os maus irão ao Inferno
Os bons para o Paraiso.

O Bendito e louvado:

Bendita e louvada seja
A Conceição de Maria
Que dos Anjos é Senhora
E dos homens guia.

Vós, sendo filha de Adão,
Sois da culpa reservada,
Porque na mente divina
Sois pura e imaculada.

Sois a açucena mais pura
Que Deus no jardim criou,
Por serdes um feliz sacrário
Onde o Verbo encarnou.

Vós sois Mãe do Rei primeiro,
Criadora universal,
Que vos criou o Eterno
De sem culpa original.

Mais formosa sois que a Lua
Entre espinhos e gira-sol,
Enfim excedeis, Senhora,
A candura do mesmo Sol.

Se lá, nesse Paraiso,
Aquela Eva pecou,
Esteve sempre pura,
Da culpa o mundo livrou.

Na Terra lirio plantado
Entre espinhos e flores,
Lembrai-vos dos vossos filhos,
Sois Mãe dos pecadores.

Mãe de Deus, advogada,
Por nós sempre intercedei
Para que, na Vossa graça,
Mereçamos a glória. Amen.

Só os fidalgos são inamovíveis e compete-lhes escolher anualmente, entre as famílias *limpas* do lugar, os demais componentes da folia.

Todos os domingos e dias santificados, da Ressurreição ao Pentecostes, a curiosa instituïção vai a casa do rei, que se incorpora com a varinha e um dos fidalgos com o tambor, assiste à missa, percorre, com tôdas as insígnias, as ruas por onde é de

uso passarem as procissões, vai deixar na Igreja a bandeira, a coroa e as lanternas, e segue para o jantar que se sucede, em cada um dos domingos, em casa do rei, alferes, pajem e mordomos.

Os jantares teem pratos obrigados: *as sopas*, *arroz*, *ensopado*, *prato desconhecido* (contém iguaria que vem para a mesa escondida) e *arroz doce*. No final é oferecido a cada um dos convivas um ramalhete de flores.

No comêço do jantar, antes das *sopas*, os fidalgos cantam:

Somos convidados,
E, chegados a comer,
Quem nos convidou
Deixe-o Deus viver.

Bendito e louvado seja
O Divino Sacramento,
Que é doce maná dos anjos,
Das almas feliz sustento.

Êste divino maná,
Quem o receber dignamente
Terá por certo viver
No céu eternamente.

Antes do *arroz*, de pé:

Descei, Pombinha sagrada,
Dêsse luzeiro divino,
Vinde buscar nossas almas
Sem vós não teem alivio.

Antes do *ensopado*, também de pé, cantam o *Testamento do Senhor:*

No alto monte Calvário
Estava Cristo à morte,
Numa cama tão estreita
Que nela volver-se não pode.

Cristo, para caber nela,
Um pé sôbre o outro tinha;
Quis fazer um testamento
Para repartir o que havia.

A São Pedro deixou as chaves
Que o Paraíso governe,
A São Miguel as balanças
Que tôdas as almas pese.

A São Francisco as chagas
Que Deus lhe deu primeiro,
Para mostrar o sangue
De Jesus Cristo verdadeiro.

Ao *arroz doce:*

Caminhava a Virgem pura
Pelas manhãs de inverno,
Caminhava para Belém
Pejada do Padre Eterno.

São José vai agastado
Em se ver pelas montanhas;
A Virgem vai mui alegre,
Leva Jesus nas entranhas.

Calai-vos José, bom velho,
Calai-vos José, meu bem,
Que uma noite passageira
Onde quer a passarei.

Semeou-se o pão divino
Nas entranhas da Senhora;
Nasceu uma tal Espiga
Que sustenta a gente tôda.

Esta Espiga nasceu
Numa noite de Natal,
Junto à meia noite
Antes do galo cantar.

O galo, quando cantou,
Cantou com muita alegria;
Cantem anjos e arcanjos,
Bendita seja Maria.

Ao *prato desconhecido*, procurando, em quadras improvisadas, adivinhar o conteúdo:

Vivam a nossa mordoma
E sua família em geral,
Traz-nos uma adivinha
Que é do reino vegetal.

Ao receberem o ramalhete de flores, cantam versos alusivos à dona da casa e a cada um dos confrades da folia:

Viva a nossa mordoma
Com todos os seus primores,
Que nos quis convidar
Com um ramalhete de flores.

Ora viva, viva e viva
Esta nossa companhia,
Que assim o manda Deus,
Jesus e Santa Maria.

Viva o nosso alferes
De amores tocado,
Era um lírio roxo
Que estava granado.

Viva o nosso pajem,
De amores querido,
Era um lírio roxo
Que estava florido.

Viva o nosso tesoureiro,
Mui nobre e honrado.
Viva muitos anos, viva,
Para que seja bem logrado.

Vivam os nossos mordomos,
Mui nobres e honrados,
Vivam muitos anos, vivam,
Para que sejam bem logrados.

Padre, Filho, e Espírito Santo,
Três pessoas e um só Deus,
Senhor Rei, dê-nos licença
Que dêmos graças a Deus.

E rezam.

Terminado o jantar, dão nova volta à povoação e acompanham o rei a sua casa, onde deixam a varinha e o tambor.

A folia sai, pela primeira vez, no domingo da Ressurreição, a última do domingo de Pentecostes (Espírito Santo), e em dia do Corpo de Deus para proclamar os confrades de escolha anual, toma parte em tôdas as festas locais e assiste a tôdas as romarias que se realizam no têrmo da freguesia ou vizinhanças.

O alferes percorre, com a bandeira, tôdas as ruas da povoação, no dia de Corpo de Deus. O povo aguarda-o pelas janelas e portas, para beijar o símbolo do Espírito Santo.

A folia depõe neste mesmo dia a bandeira e as lanternas na Igreja e vai a casa de cada um dos novos eleitos fazer entrega dos distintivos: a varinha e o tambor ao rei, a banda onde se apoia a bandeira ao alferes e a coroa ao pajem.

A FESTA DAS PAPAS

Castigo do céu, lição para os homens, os campos de Alcains foram de uma vez invadidos por terrível praga de gafanhotos.

As paredes das casas negrejavam com a bicharia! A's árvores havia ela roído tôda a folhagem, quási lhes deixando os troncos desnudados.

Feijoais e milharais tinham desaparecido, e quando a praga levantava vôo toldava o próprio sol. Nossa Senhora da Conceição, patrono e orago de Alcains, e São Pedro, com a sua linda ermida a pouco mais de dois quilómetros a nascente da povoação, não podiam abandonar os seus vizinhos e devotos.

O povo caiu, por isso, suplicante a seus pés.

Far-lhes-ia anualmente festas de dois dias: no domingo para exaltar o Senhor, na segunda-feira para distribuir com prodigalidade a todos os pobres do lugar e aos das redondezas que ali viessem, papas de milho recolhido por esmola ou oferta dos lavradores.

A freguesia ficaria dividida em duas áreas limitadas pela ribeira da Líria: a mais alta, a *Do cimo* ou *Outeiro* e a *De baixo*. Nos anos em que os moradores do Cimo ou Outeiro fizessem a festa a Nossa Senhora da Conceição fariam os de Baixo a sua a São Pedro, e vice-versa. E constituiram logo Confrarias com seus juízes, escrivães, tesoureiros e procuradores, e prepararam, em curto prazo, as festas que foram levadas a efeito ainda nesse próprio ano. A praga desapareceu, como por encanto!

Estava-se em 1640, data em que o povo português se devia igualmente ver livre de não menor e perigosa invasão, a dos Castelhanos, e, de então até hoje, jamais os moradores de Alcains deixaram de cumprir religiosamente a velha promessa.

E por isso, presentemente, como então, realizam festas com todo o esplendor: no último domingo de Agôsto, em honra de São Pedro, e no domingo imediato em louvor de Nossa Senhora da Conceição.

Agradecimento pelo benefício prestado, prece para que não deixem de protegê-los contra novas pragas, continuam a realizar no domingo a festa de igreja e na segunda-feira a das *papas*. Num e outro dia, em tempos que não vão distantes, eram armados altares junto das casas dos festeiros em frente dos quais o povo, especialmente os rapazes e as raparigas, vinha dançar e cantar as *modas* locais e trazer opíparas *fogaças* que eram vendidas em leilão.

E nas segundas-feiras, ainda hoje como nos

tempos mais distantes, em plena rua, à porta dos festeiros, dezenas de caldeiras de papas de milho aguardam que todos os da povoação, e quantos de fora venham, se sirvam. E, se os procuradores e os demais das Confrarias cuidavam (e ainda cuidam) da receita para as festas da Igreja, os rapazes e as raparigas, sem Confraria nem escolha, todos mancomunados na mesma missão, faziam (e ainda fazem) a colheita ou peditório do milho para as papas, dançando rua em rua de Alcains, porta em porta dos lavradores.

DANÇAS DA LOUSA

A DA GENÉBRES [1]

NA freguesia da Lousa, concelho de Castelo Branco, realizam-se durante as festas em honra da Senhora dos Altos Céus várias danças típicas: a da *genébres*, a das *tesouras* e a das *donzelas*.

A das *genébres* é executada por dez homens, seis vestidos com calças e casacos brancos, gravata, *banda* de sêda, de côr encarnada, à cinta, muitas

---

[1] A *genébres* é um instrumento — que saibamos — único no país. Consta de catorze pauzinhos de pau-ferro, redondos, de tamanhos diferentes, enfiados, nas extremidades, em uma correia de couro. Crescendo em extensão, do primeiro ao último, por forma regular e progressiva, o maior deve ter de comprimento, pouco mais ou menos, o dôbro do primeiro. A *genébres* é suspensa do pescoço pela corrèia que enfia nas extremidades dos paus, e cobre o peito do tocador.

Espécie de moderno *xilofone* que o tocador tange

fitas, também de sêda, pendentes dos ombros e, a servir de coroa, na cabeça, grande *capela* ou capacete de forma cónica enfeitada com flores artificiais e fitas que lhes caem sôbre as costas (complemento das que pendem dos ombros) encimada com um penacho de flores artificiais de várias côres e de penas brancas; três, os mais novos, vestidos de mulher, saia e casaco branco, rêde preta de malha miúda e flores na cabeça, trunfa de cabelo na nuca, e muitos *colares* e outros objectos de ouro pendentes do pescoço; e, finalmente, o guardião, mestre ou ensaiador, vestido de soldado, com velha espada à cinta.

Dos seis primeiros, um toca a *genébres* e cinco as bandurras [1], e os três que fazem de mulher, os pandeiros.

A' ordem do guardião, formam todos em linha de três, ficando ao centro os que vestem de mulher.

E a dança começa, ao som arranhado e chocalheiro da *genébres*, acompanhado pelas bandurras e pandeiros.

---

com o *chuço*, pedaço de pau da qualidade dos demais da *genébres*, produz sons mais ou menos arrastados, mais ou menos vivos, consoante a vontade do tangedor e o compasso da dança.

A *genébres* pertence à comissão da festa e passa anualmente de uns para outros festeiros.

[1] As bandurras, que noutro tempo se vendiam na romaria da Senhora da Póvoa, são uma espécie de violas de cordas de arame, já hoje raras.

COSTUMES

Senhora da Póvoa — A procissão — Pág. 21

S. da Póvoa — Regr. da romaria — P. 21

Senhora da Póvoa — Carros de romeiros — Pág. 21

Senhora da Póvoa - Carroça de romeiros - Pág. 21

S. da Póvoa — Adufes e pífaros — P. 21

DANÇAS DA LOUSA

Ao som do *quiau, carriquiau, carríquiau, quiau; carríquiau, carríquiau, quiau, quiau,* e das bandurras com a sua afinação especial: *vrrum, varravum, varravum; vrrum, varravum, varravum....* dos pandeiros e do estrépito que todos os tocadores fazem com os pés, sempre a compasso, dão meia volta, outra meia, e volta completa, e deslocam-se, ora os homens, ora as mulheres, em compassos certos de dança e contradança.

Andam em roda, trocam os lugares, não deixando de se ouvir a *genebres* com o seu *quiau, carríquiau, quiau, quiau;* e, quando, os que vestem de mulher, estão em frente dos que tocam as bandurras, o da *genébres*, saltitando, sempre a compasso, simula o arrastar da asa do galo à galinha e vai roubar a dama de um dos companheiros.

Se alguma rapariga estranha à dança se aproxima, o da *genébres*, sem deixar de manter o compasso, vai aos saltos para ela, a imitar, mais uma vez, o arrastar da asa e tocando sempre: *quiau, carriquiau, carríquiau, quiau, quiau...*

Ao som do último compasso, o guardião, que é o mestre-ensaiador, coloca-se em frente do grupo e desembainha a espada.

E' o fim da dança. Postos todos em seus primitivos lugares, suspendem o tanger dos instrumentos e fazem uma vénia.

*

O grupo toca e dança pela primeira vez em frente da Igreja e seguidamente nos lugares mais centrais e nas principais casas da povoação, onde lhes oferecem doces e vinho.

Na segunda-feira de festa almoça em casa do Tesoureiro, janta em casa do Juiz e ceia em casa do Escrivão.

A DAS TESOURAS

Um grupo de oito, dez ou doze homens vestidos de cotim, lenço branco em volta da cabeça, cada um com sua tenaz fingindo tesoura; um velho dos mais folgazões da povoação igualmente vestido de cotim e com um lenço branco atado à cabeça, e alguns rapazes de dez a quinze anos, com seus casacos vestidos das *avessas*, a fingir de carneiros, começam a *dança das tesouras* pela tarde de segunda-feira, à porta da Igreja, e percorrem seguidamente as ruas e principais casas do lugar, a cantar e a representar.

O grupo, como se disse, de oito, dez ou doze homens, consoante os que se reúnem, forma duas alas, frente a frente, a pequena distância uma da outra, deixando no meio os rapazes (carneiros).

Simulando tosquiá-los, os homens batem as tenazes e cantam:

Senhora dos Altos Céus
Que estais nessas alturas,
Virai para cá o rosto,
Não nos deixeis às escuras.

Os rapazes respondem em côro:

Mé.

Senhora dos Altos Céus,
Minha rosa encarnada,
Lá ao baixo Alentejo [1]
Chega a vossa nomeada.

Côro: — Mé.

Mulatinhas da Baia
Foram-se a lavar ao mar,
Deixaram as águas turvas
Sendo elas um cristal.

Côro: — Mé.

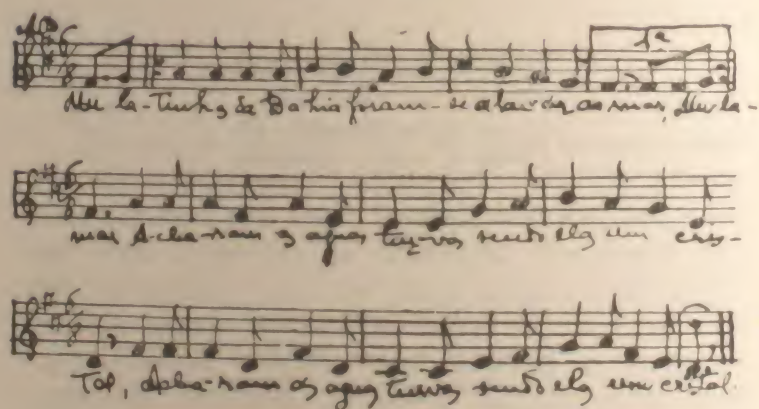
---

[1] *La baixo ao Alentejo* — Vide Carta-prefácio do Sr. Dr. José Leite de Vasconcellos.

Quando eu vim da Baía,
Quando da Baía vim,
Mulatas carinhosas
Tôdas choraram por mim.

Côro: — Mé.

Quando eu vim da Baía,
Lá me ficaram dez réis,
Comprei duas mulatinhas,
Cada uma por cinco réis.

Côro: — Mé.

Por entre as duas alas, os rapazes vão passando, corcovados ou debruçados, a saltitar, imitando carneiros e repetindo em côro, no final de cada quadra: — Mé.

Em volta do grupo, o velho, que faz de dono do rebanho, vai dizendo graças, por vezes apimentadas:

— Não estou satisfeito com a tosquia.

— Já estou farto de fornecer pó moreno (pó com que os tosquiadores tratam as tesouradas que atingem o couro cabeludo dos animais).

— Vamos lá ver se essas ferramentas estão bem afiadas.

E estendendo um enorme pau por entre as duas alas dos homens, passa pelo meio, aos saltinhos, procurando acompanhar o côro dos tosquiadores que lhe vão aplicando a sua tenazada ora nas pernas, ora nos braços e até nas orelhas.

E, repreendendo ora um, ora outro, por não terem bem afiadas as ferramentas, diz:

— Assim não me convém.

— Vamos lá aguçar essas tesouras.

Os tosquiadores simulam aguçar as tenazes no pau que o velho lhes estende, até que, em certa altura, o velho põe o pau às costas e diz:

— Ora vão para o diabo que os carregue. Não estou para os aturar.

Está terminada a dança que vai recomeçar noutras ruas ou casas da povoação, sempre ao som da canção própria da *dança das tesouras*, e com o acompanhamento dos carneiros: — mé!

A DAS DONZELAS

Oito raparigas, de quinze a dezóito anos, vestidas de branco, flores na cabeça e no peito, muitos

objectos de ouro pendentes do pescoço, e lenço branco, engomado, na mão, percorrem as ruas e as principais casas da povoação, acompanhadas por um tocador de guitarra, ao som da qual dançam e recitam os seguintes versos:

O' Virgem dos Altos Céus,
Mãe do meu amparo, bem:
Conservai na vossa graça
Quem aqui visitar-vos vem.

Quem aqui visitar-vos vier,
Com silêncio há-de vir,
Nós estamos a vossos pés
Prontas para vos servir.

Prontas para vos servir
Do íntimo do coração,
Se não estamos purificadas,
O' Virgem, dai-nos perdão.

O' Virgem, dai-nos perdão,
Mãe da Glória, Imperatriz,
Conservai na vossa graça
Este nosso Juiz.

Este nosso Juiz
E todo o mundo inteiro:
Conservai na vossa graça
Este nosso Tesoureiro.

Este nosso Tesoureiro
E todo o fiel cristão:
Conservai na vossa graça
Este nosso Escrivão.

Este nosso Escrivão
E todos os do nosso partido:
Nós queremos continuar
Com o nosso uso antigo.

Com o nosso uso antigo,
Pela graça do Senhor:
Vivam as oito donzelas
E viva o nosso tocador.

A dança começa à porta da Igreja onde se adora a Senhora dos Altos Céus e ali uma das donzelas diz o primeiro verso, outra diz o imediato e assim seguidamente até ao último.

O grupo almoça, janta e ceia, no dia de segunda-feira, em casa dos festeiros.

CHACOTA

Noutros tempos, em época não muito distante, sucediam-se junto da porta da Igreja e das casas dos festeiros, na segunda-feira depois do pôr do sol, grupos de raparigas, vestidas de branco, acompanhadas por mulheres de idade, a cantar, com a

música da canção da Senhora dos Altos Céus, entre outros, os seguintes versos:

O' virgem dos Altos Céus,
Que estais na vossa tribuna,
Sois a mais linda Rosa,
Como Vós não há nenhuma.

O' Virgem dos Altos Céus,
Nossa Mãe, nossa Madrinha,
Dai-nos o céu por esmola
Já que dêle sois Rainha.

O' Virgem dos Altos Céus,
Aqui estou à vossa porta,
Fazei-me boa mulher,
Quero ser vossa devota.

O' Virgem dos Altos Céus,
Minha Roseirinha branca,
Quando viestes ao mundo
Logo foi para serdes Santa.

O' Virgem dos Altos Céus,
Rainha do Céu e da Terra,
O' que lindo resplendor
Deita a vossa cara bela!

O' Virgem dos Altos Céus,
Minha tão boa Senhora,
Socorrei-nos nas necessidades
Já que sois nossa protectora.

O' Virgem dos Altos Céus,
Que estais virada para a rua,
Fazei-me boa mulher,
Quero ser devota Sua.

O' Virgem dos Altos Céus,
Aqui estou às vossas beiras,
Fazei-me boa mulher
Livrar-me das chocalheiras.

O' Virgem dos Altos Céus,
A' vossa porta me empino,
Meu coração a tôda a hora,
Minha alma de contino.

O' Virgem dos Altos Céus,
Não vos peço outra coisa:
Só a vossa protecção
Para o povo da Lousa.

SÃO DOMINGOS

Numa pequena elevação, entre Zebreira e Rosmaninhal, do concelho de Idanha-a-Nova, existiu outrora uma capela dedicada a São Domingos, advogado contra as maleitas (sesões).

A imagem pertencia ao Rosmaninhal e a capela à Zebreira.

Os moradores de uma e outra povoação acorriam todos os anos, em massa, em fraternal convívio, a festejar o santinho, na terça-feira imediata ao domingo de Páscoa. Uns e outros faziam-se acompanhar das confrarias do Espírito Santo com suas insígnias e bandeiras; e todos levavam, como oferta tradicionalmente tida como da predilecção de S. Domingos, telhas roubadas dos telhados dos vizinhos.

Os do Rosmaninhal chegavam primeiro, subiam até junto da capela, e ali aguardavam que os da Zebreira surgissem no vale do lado oposto e levantassem a sua bandeira, sinal convencionado para irem ao seu encontro. Os rosmaninheiros desciam

o Monte, cumprimentavam os seus vizinhos, e os Juízes das duas confrarias ofereciam-se mùtuamente rapé da caixa que cada um levava.

Seguidamente todos, com suas confrarias e bandeiras, os da Zebreira à frente, formavam o cortejo que se dirigia para a capela a celebrar, com pompa, a festa tradicional.

Pela tarde, cada um dos povos tomava o caminho da sua terra.

O da Zebreira, ao chegar ao sítio denominado dos Vilares, estendia os seus farnéis ou merendas em volta de uma fonte que ali existe, e por lá passava o resto do dia entre alegres cantigas e jogos de roda.

O local tomava então o aspecto bizarro que lhe emprestavam as toalhas alvadias, as saias, os casacos garridos e os lenços multicolores das mulheres.

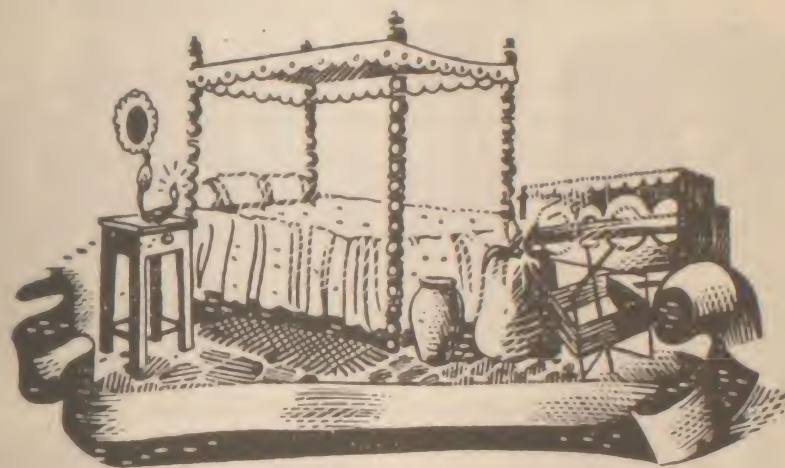
E, porque havia pobres que não tinham farnel ou merenda, a Junta de Freguesia mandava todos os anos, àquele sítio, uma carga de vinho e duas ou três cargas de pão, para por êles serem distribuídas.

Mas, um dia, aí por 1891, os povos, mal orientados, desavieram-se. Os do Rosmaninhal queriam que no cortejo a sua bandeira tivesse a primazia; os da Zebreira, com fundamento em velha tradição, igualmente pugnavam por que a sua fôsse à frente.

E a festa por isso acabou!

E a imagem, que era do Rosmaninhal, foi levada para a Igreja matriz, e a capela, que era da Zebreira,

sem patrono e sem festa, foi-se a pouco e pouco desmantelando, não restando hoje mais que pobres ruínas.

Mas o povo da Zebreira não encontrara melhor alívio para as suas febres, nem perdera a sua fé em São Domingos, e, por isso, trinta anos passados, construíu e consagrou-lhe nova capela no sítio do Carvalão, onde continuou a realizar-lhe festa anual, no domingo imediato ao da Páscoa, e para onde, ainda hoje, acarreta as telhas roubadas dos telhados dos vizinhos, para que São Domingos o livre de maleitas.

O CASAMENTO

Restos de passado longínquo, boas e fiéis reminiscências de tempos distantes em que só era considerada boa dona de casa a que sabia fiar o seu linho e tecer a sua teia, pareceram-me dignos de figurar no presente volume alguns costumes desaparecidos e há bem pouco tempo em uso nas cerimónias nupciais do distrito de Castelo Branco, sem deixar de fazer referência a tantos outros que ainda se praticam. Por isso vão em seguida os mais curiosos e característicos.

Em *Idanha-a-Nova*, planeado o casamento entre os noivos e suas famílias segundo os ditames da

simpatia ou do interêsse de um ou de ambos (neste ponto a história dos casamentos tem sido, é e será sempre a mesma), o noivo e seus pais dirigem-se, pela noite, a casa dos pais da noiva com uma roca e uma borracha com vinho, alumiados por uma lanterna de azeite.

Entre libações de alegria, porque nesta data é já certa a anuência da esposada e da família, ajusta-se o contrato esponsalício, para, em seguida e durante três domingos ou dias santificados, correrem na igreja os «pregões» ou «banhos».

No primeiro domingo, pela noite, vão os noivos, acompanhados de pessoa de família e alumiados pela lanterna de azeite, convidar as pessoas que escolheram para padrinhos, quási sempre os do baptismo de cada um dos noivos.

No segundo domingo ou dia santificado — o dos pregões do meio — os pais do noivo dão um baile em que tomam parte os parentes e as pessoas das relações das duas famílias.

Neste intervalo fazem os noivos, perante o pároco, a «desobriga», exame ou «inzamina» sôbre pontos de doutrina cristã, para, oito dias antes do casamento, irem, acompanhados de pessoa de família, fazer os convites.

E' o que chamam «prezar».

Três dias antes realizam em casa da noiva a «amassadela» ou «cozedura» do pão para a «boda» e fazem as «papas», de farinha de milho com leite e açúcar ou mel, que são distribuídas a todos os con-

COSTUMES

Uma folia – Pág. 85

Folia de Vale de Lôbo – Pág. 85

Dança da genébres (Lousa) – Pág. 103

Dança das donzelas (Lousa) – Pág. 109

Casamento

vidados que pela sua posição não vão à boda, e que prèviamente teem mandado prato ou travessa para as recolher. Pela noite há o baile da «amassadela».

Na véspera do dia designado para os esponsais, está em exposição a casa dos noivos com as prendas e oferendas ou «fogaças» da família e das pessoas amigas. Há então, para ali, uma verdadeira romaria de familiares e estranhos, convidados e curiosos. E' o que chamam «ir a ver a cama».

No dia do casamento, dois parentes do noivo vão buscar os padrinhos, seguindo todos para casa da noiva a reünir-se aos demais convidados. Daqui o cortejo segue para a igreja ([1]).

A' cerimónia religiosa segue-se o almôço e mais tarde o jantar ou só jantar e baile, pela noite. Depois do baile, costume antigo, os amigos do noivo vão, ao som de guitarras e violas, cantar à desgarrada, junto do novo lar, versos de *parabéns*. Assim:

Parabéns te venho dar,
Parabéns com alegria,
Deus te faça bem casada
Até ao último dia.

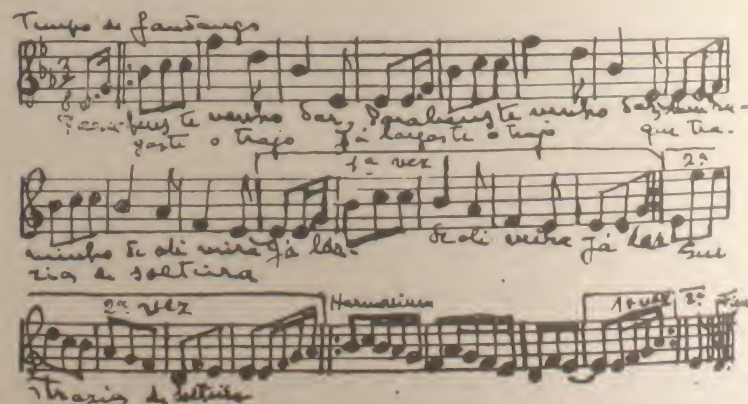
Parabéns te venho dar,
Mandados por Santa Rita,
Que vos viésseis a ajuntar
Numa hora bem bonita.

([1]) E' vulgar e usual os homens envergarem os seus capotes de burel ou de saragoça mesmo em pleno verão.

Parabéns te venho dar,
Meu raminho de poejo,
Deus te dê boa sorte
Como eu para mim desejo.

Parabéns vos venho dar,
Mandados por Santo António,
Já vos fostendes a ajuntar
No livro do metrimónio.

Parabéns te venho dar,
Meu raminho d'oliveira,
Já fostes a largar o trajo
Que trazias de solteira.

Parabéns te venho dar,
Minha salva aprateada,
Ainda não eras nascida
Já cá eras desejada.

No *Ladoeiro*, no segundo domingo de «proclames», o do meio, tôdas as amigas e conhecidas da noiva vão a sua casa dar-lhe os «emboras» com uma quadra de ante-mão anotada, que recitam enquanto a apertam em prolongado abraço.

Parabéns te venho dar,
Em louvor de Santo António,
Já te vais a assentar
No livro do matrimónio.

Parabéns te venho dar,
Minha rosa encarnada,
Deus te dê alegres dias,
Largos anos de casada.

Parabéns te venho dar,
Meu raminho de alegria,
Deus te faça tão ditosa
Como Cristo com Maria.

Parabéns te venho dar,
Parabéns miüdinhos,
Lá te vais a ajuntar
Na igreja c'os injinhos.

Tanto a noiva como sua mãe desfazem-se em gentilezas para as suas visitas e a tôdas oferecem tremoços e doces.

O noivo percorre no mesmo dia as ruas da

freguesia a oferecer cigarros a todos os homens que encontra, sejam ou não fumadores.

Na noite de núpcias, os rapazes amigos do noivo vão à porta do novo casal dar-lhe os *parabéns* em cantigas como as que seguem:

Parabéns te venho dar,
Tu dirás que já é tarde,
Já t'os pudera ter dado,
Amigo, de boa vontade.

Parabéns te vem dar
Um amigo verdadeiro,
Oxalá te não arrependas
Da vida de solteiro.

Já te casaste, meu amigo,
Já o laço te apanhou,
Deus queira que sempre digas:
Se bem estava melhor estou.

Já te deixaste prender
Nos braços de uma mulher.
Deus te dê boa ventura
E uma longa lua de mel.

Como deves ser feliz
Neste momento, meu amiguinho,
Vem também animar-nos
Com um copo de vinho.

Um copo de bom vinho
A ninguém, pois, se nega.
Que nos sirva de proveito
E também p'rá sossega.

Como estás bem contente,
Meu amigo, no teu nicho,
Vem dar-nos aguardente
P'rá matadela do bicho.

Levanta-te que já é dia,
Não sejas indolente,
Vem matar-nos a bicheza
C'um copo d'aguardente.

E o noivo levanta-se, vem à porta e dá vinho e aguardente a todos. Se a casa tem mais de uma divisão, convida-os a entrar e ali continuam as cantigas e a conversa, entre libações, até à hora do almôço.

No *Retaxo*, em seguida ao casamento, logo à porta da igreja, os padrinhos fazem larga distribuïção de confeitos aos rapazes, e êstes, por sua vez, lançam grande profusão de flores sôbre os noivos. No regresso do «acompanhamento», é servido a todos os convivas, em casa dos «esposados», uma fatia de bôlo, feito de ovos, farinha, mel e azeite, e um copo de vinho.

As «moças» vão em seguida «ver a cama» dos noivos. Pela tarde é o jantar e durante êle tem, pela primeira vez, o noivo, licença de seu pai para fumar.

Pela noite há baile ou «festa» e alta noite, até de madrugada, rapazes cantam à desgarrada, à porta dos noivos, versos iguais ou semelhantes aos que se cantam em Idanha-a-Nova e no Ladoeiro. O noivo vem de tempos a tempos ao postigo da porta da entrada de sua casa dar de beber aos do descante.

Em *Vale de Lôbo* e *Alcains*, rapazes e raparigas solteiras formam arcos com cordões de ouro e fecham a passagem ao cortejo, que só deixam seguir depois de os primeiros pares os terem gratificado.

DEITAR OS MOIOS OU O BOM ANO

Havia em Idanha-a-Nova, em tempos que não vão distantes, um numeroso grupo de lavradores que, não possuindo bens próprios, moviam a sua lavoura em terras que anualmente arrendavam aos proprietários. Chamavam-se *os lavrintchas*.

Os seus rendimentos, a sua melhor, a sua quási única fonte de receita (àparte o produto da venda das crias das vacas com que lavravam) residia indiscutivelmente na seara. Por isso nela punham a sua melhor esperança.

Crentes com sinceridade, educados desde o nascimento no respeito e temor de Deus, convictos de que «mais vale quem Deus ajuda do que quem muito madruga» viviam e morriam rezando todos os dias: «o pão nosso de cada dia nos dai hoje...»

Mas, se assim continuadamente imploravam a protecção divina para que lhes não faltasse o pão cotidiano, em 31 de Dezembro, data com que o calendário marca o fim dos anos e dos séculos, alguma

coisa mais haviam que pedir-lhe: o desdobramento da seara em messes infindas, visto que ela consubstanciava o labor incessante de todo o ano.

E por isso, na prática de antiga tradição, a padieira da cozinha era nesse dia limpa e esfolinhada com o maior cuidado, para o *deitar dos moios ou o bom ano.*

Para junto do lar vinha um prato da melhor farinha e, ao cair da primeira badalada da meia noite, antes que o relógio da tôrre deixasse de se ouvir, a espôsa, apertando entre os dedos polegar e indicador um pequeno trato do alvinitente pó, ia-o atirando à padieira e contando, e dizendo: — *Deus nos dê: um, dois, três* (etc.) *moios, o dôbro e mais outros tantos.*

E, a padieira, queimada pelo lume ininterrupto de gerações, agora semeada de pontos brancos, tantos quantos os *moios deitados,* lá ficava a atestar a velha tradição de, na transição do ano velho para o ano novo, os lavradores de Idanha-a-Nova pedirem protecção e amparo a Deus, na legítima aspiração de uma vida mais desafogada e mais livre.

*

A prática caíu em desuso, mas tradição é ainda, entre o povo, que anos houve em que as terras deram o dôbro e mais de outro tanto do que o que os seus cultivadores a Deus haviam pedido.

O LINHO

Ainda me lembro, como se fôsse hoje, do tempo em que, na minha aldeia, homens e mulheres, vestiam roupa de linho, dos pés à cabeça.

Ainda me lembro, embora duas duzias de anos sejam volvidos, das alvadias teias a corarem nas Lameiras do Amial; recordo-me da Maria Joaquina do Joaquim Mujeiro, da Maria do Carmo do António Tomé e da Maria Teresa do José Carlos a matraquearem, a matraquearem, de manhã até à noite, em pancadas rítmicas, os seus velhos e desengonçados teares.

Vieram as estradas, veio o combóio. O algodão, mais barato, mais acessível, suplantou o velho tecido, para, já hoje, o fresco e saüdável linho ser privilégio de alguns.

Mas não desapareceu de todo dos nossos campos, não deixou ainda assim de, na linda primavera, se destacar, pelo seu verde bem característico, em muitas leivas.

E, se para nascer foi semeado, para cumprir a sua missão e ser útil ao homem, o seu martírio, o sofrimento doloroso a que o submetem não teem fim.

Lançado à terra em Outubro se é *mourisco*, em princípios de Abril se é *galego*, pelo primeiro sol de Junho começa a amarelecer e a deixar cair a flor. E' o prenúncio certo do fim da sua vida vegetativa. Não demora que, entre cantigas de alegres raparigas, comece o arranque.

Raiz ao sol, lá vai êle então caminhando, em pequenas gabelas, para junto do ripanço, a deixar, através de afiados dentes, o seu precioso fruto, porque, lá diz o povo:

> Não colher o linho verde,
> Deixai-o embaganhar,
> Que a baganha tem semente
> P'ra tornar a semear.
>
> *(Idanha-a-Nova).*

E o seu corpo, semi-morto, volta para o sol a acabar de secar, e a baganha, aquecida pelos áspe-

ros raios solares, vai estalando, vai-se abrindo, para deixar livre a linhaça que no ano futuro assegurará a continuação da valiosa, quási sagrada, cultura.

> Benditos sejam os campos
> Que dão o linho sagrado
> Onde, Sexta-feira Santa,
> Está Jesus amortalhado.
>
> *(Idanha-a-Nova).*

A época é de grande labor no campo, e por isso o linho recolhe à adega ou ao palheiro, até que, terminadas as ceifas ou passadas as malhas, sai do seu esconderijo para ir, caminho da ribeira, ser enlagado sob o pêso de enormes pedregulhos.

Por lá se conserva até ser dada como terminada a curtimenta ou maceração, para voltar ao sol a enrijar e, seguidamente, entre o alegre cancioneiro das linheiras, ser maçado, pisado, quási moído sob pesadas maças que, simultânea e compassadamente, caem sôbre as mòlhadas que um baraço não deixa espalhar.

Das maças passa às gramas e destas às tascas, onde, mão-cheia a mão-cheia, é triturado para serem desfeitas as últimas arestas.

Mas a obra não está completa, e para que tôdas as asperezas desapareçam, para que o linho seja o macio e fôfo tecido que tanto admiramos, tem ainda algo que andar e sofrer.

Cabe agora a vez à espadana (Idanha-a-Nova) ou à espadela (Benquerença) que batendo, batendo ritmicamente de encontro ao cortiço, o livra de muitas impurezas que ainda traz ligadas ao caule.

O linho começa a ter um novo aspecto. De escuro, das voltas que levou e da sujidade da água, está a passar, após os trabalhos a que o submeteram, a quási fôfo, macio.

E, junto ou atado em molhos, em forma de boneca, do pêso aproximado de um afuzel [1], vai agora para o sedeiro, instrumento de bem afiados bicos que lhe tira as últimas arestas e o separa da estôpa e da estopinha.

Do linho se fazem as *estrigas*, da estôpa os *armos* que hão-de ir para as rocas, receber, pelos balcões, nas varandas, aos soalheiros e nos serões os beijos, de novas e velhas, mas sobretudo de santas vèlhinhas.

Das rocas, com o fuso sempre a rodar, sempre a girar, saem as maçarocas.

Das maçarocas, dobadas no sarilho, saem as meadas.

---

[1] Ainda hoje aparece à venda em algumas feiras da região, o linho assim preparado. A base ou unidade de venda é *a pedra*. Cada pedra tem dois adeitos e cada adeito dois afuzeis. O afuzel tem quatro carreiras e a carreira seis mãos-cheias.

Na *Sertã* cada *pedra* tem oito arráteis e cada arrátel 459 gramas.

Destas, emborralhadas (Idanha-a-Nova) emborradadas (Benquerença), embojadas (Sarnadas) em cinza e água a ferver, ou enceibadas (cobertas com cinza, metidas no forno com a porta barrada com bosta de boi (Sertã), e lavadas [1] e còradas na ribeira por lavagens sucessivas, saem, depois de dobadas no argadilho ou dobadoira, grandes e brancos novelos que, urdidos [2] e tecidos, dão o alvadio, o branco e saüdável pano de linho, de mil e uma aplicações mas, já hoje, como atrás se disse, apenas privilégio de alguns.

---

[1] E' convicção popular que jamais êste serviço se deve fazer à hora da lua nova, porque há o perigo de fugirem das mãos. E' também da voz do povo o seguinte adágio: «*à têrça não cases a filha nem urdas a teia*»

[2] Na urdidura, a base, é o *ramo*.

Cada *ramo* tem arrátel e meio, que, se fôr de linho *mourisco*, dá três varas e meia de tecido, e se fôr de linho *galego* dá quatro varas.

A tecedeira cobra pela tecelagem de cada ramo uma tigela de feijão e um pão, além de quantia em dinheiro que varia de localidade para localidade.

OS CHAPÉUS DE ALCAINS

QUEM, há uma dúzia de anos, atravessasse os campos de Idanha-a-Nova ou percorresse muitas das aldeias do distrito de Castelo Branco, notaria que as gentes do povo, os que mourejam de sol a sol, usavam, geralmente, pesados chapéus de lã, de abas largas e copa baixa, os bem conhecidos chapéus de Alcains, do custo de nove vinténs.

Veio a guerra [1], e no turbilhão de transformações que ela devia operar, os pobres *âbeiros* quási desapareceram, sendo já hoje muito raros, mesmo na *arraia* de Idanha.

— Origem da indústria? Motivo da decadência?

*

Não se conhece a origem nem a data exacta da instalação do fabrico. Pelo depoïmento de pessoas

---

[1] A Grande Guerra, de 1914-1918.

da localidade, creio poder afirmar que ela vem de tempos distantes, e que, não há muito ainda, empregava mais de uma dúzia de industriais.

Presentemente restam dois, e êsses entregues, em grande parte, ao acabamento e ao comércio de chapéus de outras proveniências.

¿Porque decaíu então esta indústria, se outras, como a do linho, criaram, com a guerra, novos alentos e arregimentaram novas tecedeiras?

Os chapéus de Alcains são feitos exclusivamente de lã, e esta subiu a preços incomportáveis.

Os compradores, gente simples do campo, fugindo à carestia e levados na onda do luxo, começaram a desprezá-los. Os chapéus de lã de Alcains mal puderam, por isso, resistir à concorrência dos de feltro.

*

¿Processo de fabrico?

Os chapéus de Alcains são feitos, como se disse, de lã, exclusivamente de lã, comprada na região, que, depois de *lavada*, *escarameada*, *cardada*, *em-arcada* e *bastida*, é levada à *cabeça* [1]. Na ope-

[1] Fôrma de asinho do feitio de uma cabeça, de $0^m,08$ a $0^m,1$ de altura.

COSTUMES

Senhora dos Altos Céus — Pág 75

A tascar e a espadelar o linho

A fiar o linho

A dobar o linho

Madeiro de Idanha-a-Nova

Madeiros da Bemquerença

ração da *lavagem*, não vale falar por ser bem conhecida.

Escaramear consiste em separar e desfazer os aglomerados de lã.

Cardar o mesmo é que passar a lã por entre as cardas, — placas de bicos de aço muito afiados e muito juntos. A cardação é feita no *burrinho*, banco com uma carda fixa onde o cardador se senta e manobra, com as mãos, em movimento regular e contínuo, de encontro à caixa fixa, uma carda móvel.

Em-arcar consiste em desfiar ainda mais a lã separando-a bem e tornando-a fôfa e leve. A en-arcação é feita com uma vara de madeira, de pouco mais de dois metros, que tem presa às estremidades uma corda em forma de aro, espécie de arco de rabeca. Preso, o arco, ao teto e suspenso sôbre uma mesa, o chapeleiro estica a corda, entrelaça nela a lã e fá-la saltar, uma e muitas vezes, até, a lã, ficar fôfa, muito leve, bem separada e desfiada.

Bastir equivale a empastar ou fazer a pasta. A lã é deitada numa *plancha* (grande bacia de fôlha de cobre de 60 a 65 centímetros de diâmetro e 15 de profundidade) e ali embebida em água. Acesa uma fornalha por debaixo da *plancha*, a lã toma, com o aquecimento e conseqüente evaporação da água, a forma pastosa.

A pasta é levada para a *cabeça*, o chapeleiro, passa sôbre ela, vezes sem conto, o ferro de passar e o chapéu fica assim moldado.

Enxuto, em seguida, ao sol, debruado e forrado

com um pobre fôrro de chita de várias côres, vai para o mercado, e do mercado para as maiores inclemências do calor e do temporal, proteger e abrigar tantos que, de sol a sol, mourejam na conquista do pão de cada dia.

PELO CARNAVAL

CHORAR O ENTRUDO

NÃO obstante estarem em declínio os folguedos do Carnaval, ainda hoje, na maioria dos povos da Beira Baixa, noite alta, nos três dias consagrados *à folia*, continua a *chorar-se o Entrudo*. E, assim, rapazes, aos grupos, sobem aos lugares mais elevados da povoação, às vezes mesmo ao campanário da Igreja, e falando através de um funil ou de uma cabaça (para que a voz tenha maior ressonância e não possa ser identificada) fazem, a título de graça, a crítica a actos e factos passados durante o ano. E' uma sátira alegre que por vezes torna

públicos, acontecimentos íntimos, desconhecidos de muitos moradores.

Tomando a palavra, um dos do grupo diz, por exemplo:

> Ó sr.ª F... *(a pessoa visada, tida e havida como pouco asseada)*
> Esta lhe vamos a anotar,
> Morando junto da água,
> E' raro a cara lavar.

— ¿E' certo ou não, companheiros?

Respondem todos em côro:

— E' certo. E' certo. Ah! Ah! Ah!

E as gargalhadas prolongam-se.

Este divertimento tem, por vezes, servido para, por inimizade, propositadamente, se levantarem e pôrem a correr verdadeiras calúnias e inventarem supostos factos prejudiciais à reputação de pessoas e famílias honestas. Por isso, algumas vezes, tem sido motivo de sérios conflitos.

CAÇA AOS GAMBOZINOS

E' corrrente, na Beira Baixa, enganarem-se os rapazes com a caça aos gambozinos em qualquer época do ano, mas especialmente pelo Carnaval.

Começam por convencer os que devem cair no lôgro, da existência dos animalejos, que descrevem como bichos raros, muito lindos e poucas vezes vis-

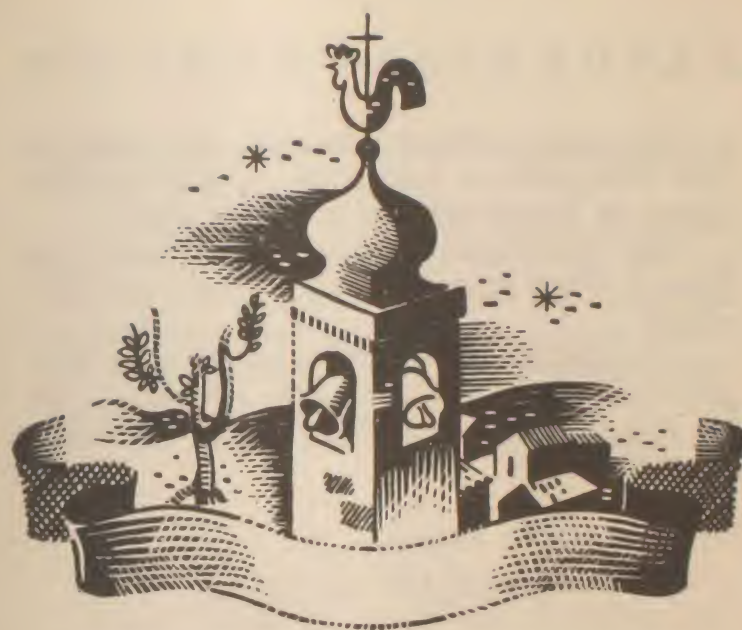
tos. Aguçada assim a curiosidade da vítima ou vítimas, combinam a noite da caçada, visto o gambozino só andar de noite.

E então, altas horas, acompanham os curiosos, que levam um saco, até junto de um *boeiro* ou bôca de parede por onde a água de qualquer propriedade se escoa, e recomendam-lhes que aguardem silenciosos (sem falarem nem provocarem o menor ruído) a chegada dos gambozinos. Simulando ir bater os campos, enquanto os pacientes esperam os bichos, os promotores da caçada recolhem a casa a aguardar o regresso dos desiludidos para lhes fazerem grande troça.

CACADAS OU CAQUEIRADAS

E' velho costume dos moradores de Bemquerença (Penamacor) — os mais folgazões — encherem velhas panelas ou potes de barro com latas velhas, bogalhos, cacos, etc., e atirarem-nas para dentro das casas que tenham porta ou janela abertas, nas noites de Carnaval.

Ao facto, que ainda hoje se pratica, chamam *deitar cacadas* ou *caqueiradas*.

Em *Escalos de Baixo*, jogam a *panela* nos dias de Carnaval e também a cesta a arder. Quando lançam a panela ou a cesta gritam, entre gargalhadas: *ú-ú-ú!*

PELA QUARESMA

ENGANTCHAR

PASSADO o Carnaval, em quarta-feira de Cinza e nos demais dias da Quaresma, em Vale de Lôbo, dois rapazes ou duas raparigas, geralmente um rapaz e uma rapariga, entrelaçam os seus dedos mínimo ou mindinho da mão direita, fechando todos os demais, e dizem:

Engantchar, engantchar,
Quando te vir
Eu te mandarei rezar.
Gantchavinha, gantchavão
Até à Ressurreição.

Fica assim realizado um pacto que obriga os dois contratantes a, sempre que se virem, até Domingo da Ressurreição, se mandarem rezar.

Fica desobrigado de rezar o que primeiro diz *reza*; o último rezará um Padre-Nosso e uma Avé-Maria.

Em algumas localidades, em vez de *até à Ressurreição*, dizem *até à noite de São João*, mas em todo o caso só se mandam rezar até Domingo da Ressurreição.

SARRAÇÃO DA VELHA

Vem de tempos antigos o costume de, na data precisa do meio da Quaresma, o nosso povo abandonar o recolhimento e compostura próprios da época para continuar os folguedos e diversões carnavalescas.

Nesta data, que as classes mais cultas festejam com bailes e outras diversões, a que dão o nome de *mi-carême*, procede o povo à *sarração da velha*.

Em tempos que não vão distantes, em Idanha-a-Nova, como em outras povoações da Beira Baixa, o rapazio organizava, às primeiras horas do dia, um cortejo que percorria as ruas com uma serra e um cortiço e, por entre enorme grita de: *sarra-se a velha, sarra-se a velha*, ia terminar na Praça onde o cortiço, ainda e sempre entre o compassado ritmo

de *sarra-se a velha, sarra-se a velha*, era serrado ou cortado uma ou mais vezes.

Caíu em desuso a serração ou corte do cortiço, mas ainda hoje os rapazes percorrem as ruas com uma fouce ou uma faca, e um pau que fingem cortar, gritando: *sarra-se a velha, sarra-se a velha*, o que por vezes lhes vale receberem odoríferos duches de água que as pobres velhas prèviamente teem guardado para defesa e resposta à gritaria provocante.

ALVÍSSARAS

Numas localidades em Sábado de Aleluia, noutras na noite de Sábado de Aleluia para Domingo da Ressurreição e noutras ainda em Domingo da Ressurreição, grupos de raparigas cantam, à porta do pároco e à porta da Igreja, ou simplesmente à porta da Igreja, versos alusivos à Ressurreição. E' o que chamam *cantar* ou *dar as alvíssaras*.

Nas povoações onde cantam à porta do pároco, êste distribui, pelos grupos, amêndoas, passas ou tremoços.

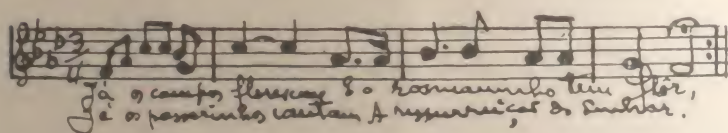
Em *Escalos de Baixo*, cantam-nas tôda a noite de Sábado de Aleluia, à porta da Igreja matriz, das capelas da povoação e da residência do Vigário, que geralmente distribui tremoços e amêndoas.

Em *Louriçal do Campo*, cantam-nas rapazes e raparigas, com acompanhamento de adufes, na noite

de Sábado de Aleluia à porta do pároco, e na noite de Domingo de Páscoa à porta das casas das principais famílias.

Recebem, quási sempre, tremoços, vinho, etc. Quando a Igreja tinha campanário aberto, os sinos eram tangidos desde o aparecimento da Aleluia até segunda-feira de Páscoa. Actualmente só no Domingo enquanto dura a visita pascal.

A música e a letra, variam de localidade para localidade.

Vão em seguida as quadras que recolhi em Alpedrinha, Idanha-a-Nova e Vale de Lôbo e a música com que as cantam em Idanha:

Já os campos florescem,
E o rosmaninho tem flor,
Já os passarinhos cantam
A Ressurreição do Senhor.

(Idanha-a-Nova)

Aleluia, aleluia!
¿Quem n'a achou, quem n'a acharia?
Achou-a (foi o) senhor Vigário
No Sacrário de Maria.

(Idanha-a-Nova e Alpedrinha)

Desde a porta da Igreja
Até ao divino Sacrário,
Vimos dar as boas festas
Ao nosso senhor Vigário.

Dai-nos as alvissaras, Senhora,
Que nós vo-las vimos pedir,
Vosso amado filho
Já tornou a ressurgir.

(Alpedrinha e Vale de Lôbo)

Já apareceu a aleluia.
¿Quem na achou, quem na acharia?
Achou-a o Senhor Vigário
Fechada na sacristia.

(Idem)

Levantei-me um dia cedo
A varrer o pó da rua,
Vinham os anjos cantando:
Aleluia, aleluia!

(Idem)

Levantei-me de madrugada
A varrer o pó à rua,
Os anjos iam cantando:
Aleluia, aleluia.

(Idanha-a-Nova e Vale de Lôbo)

Levantei-me de madrugada
A varrer o pó do chão,
Os anjos iam cantando
A sagrada Ressurreição.

(Vale de Lôbo)

Levante-se, Senhor Vigário,
Levante-se não durma tanto,
Venha dar as boas festas
Ao divino Espírito Santo.

(Idem)

Levante-se, Senhor Vigário,
Que já dá o sol no sino,
Venha dar as boas festas
Ao santo Verbo divino.

(Idem)

Levante-se, Senhor Vigário,
Ponha os pés na sala nova,
Venha dar as boas festas
A' Virgem Senhora da Póva.

(Idem)

Acorde, Senhor Vigário,
Que já cá vimos a chegar,
O Senhor lhe dê anos de vida
Para o virmos a visitar.

(Alpedrinha)

Acorde, Senhor Vigário,
Venha abaixo ao terreiro,
Venha a dar as boas festas
Ao ranchinho do Outeiro.

(Idem)

Acorde, Senhor Vigário,
Ponha o pé na escadinha,
Venha a dar as boas festas
Ao ranchinho d'Alpedrinha.

(Idem)

Acorde, Senhor Vigário,
Que já cá vimos do Leão [1],
Faça favor de aceitar
O pão-leve [2] da nossa mão.

(Idem)

Quando o Senhor Vigário novo
A esta terra chegou,
Só parecia Deus do céu,
Tôda a gente se alegrou.

(Idem)

Já os passarinhos cantam
Na amoreirinha do aidro,
Veem cantar as alvíssaras
A' Senhora do Rosário.

(Vale de Lôbo)

Aleluia, aleluia,
Ditoso de quem n'a achou:
Achou-a o Senhor Vigário
E no Sacrário a deixou.

(Alpedrinha)

Aleluia, aleluia,
Aleluia com prazer,
Ressurgiu Nosso Senhor
Para nunca mais morrer.

(Alpedrinha e Idanha-a-Nova)

Aleluia, aleluia,
Aleluia que já é festa,
Alegrai-vos, Mãe de Deus,
Nossa alegria é esta.

(Idem)

---

(1) Uma das fontes públicas de Alpedrinha.
(2) Pão de ló.

Desde a porta da Igreja
Até à porta da sacristia,
Vimos dar as boas festas
A' Virgem Santa Maria.

(Idanha-a-Nova)

Desde a porta da Igreja
Até à porta do sino,
Vimos dar as boas festas
Ao Sacramento divino.

(Idem)

A Senhora do Rosário
Está virada para a porta,
Só a ver se vê entrar
Alguma sua devota.

(Vale de Lôbo)

A Senhora do Rosário
Tem os sapatinhos brancos
Para passear no aidro
Domingos e dias santos.

(Idem)

A Senhora do Rosário
Tem uma fita no punho,
Que lha puseram os anjos
No dia vinte e cinco de Junho.

(Idem)

A Senhora do Rosário
Tem uma fita na testa,
Que lha puseram os anjos
No dia da sua festa.

(Idem)

A Senhora do Rosário
Tem o seu rosário certo,
Quem o rezar todo o ano
Achará o céu aberto.

(Idem)

Quem quiser ouvir cantar,
Vá-se a pôr à porta travessa,
Ouvirá cantar os anjos,
A Virgem é que começa.

(Idem,

Quem quiser ouvir cantar,
Vá-se a pôr à porta principal,
Ouvirá cantar os anjos,
A Virgem está no altar.

(Idem)

Santíssimo Sacramento,
Vinde ao meio da igreja,
Deitai-nos a vossa bença
Donde tôda a gente veja.

(Idem)

Virgem, como estás alegre
Co'a Ressureição na mão,
Aleluia, já é festa,
Alegre-se o coração.

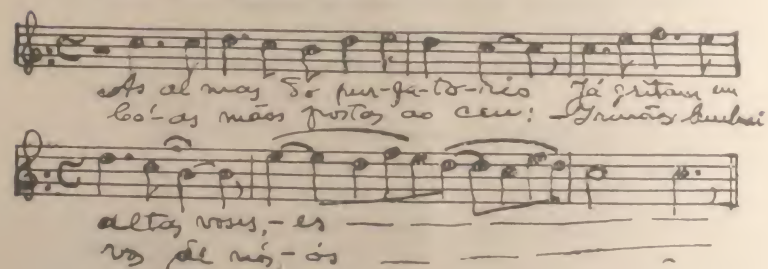
(Idanha-a-Nova)

Parodiando e fazendo alusão à abstinência de carne e à alimentação de peixe durante a Quaresma, cantam:

Aleluia, aleluia,
Aleluia que já é festa,
Quem tiver bacalhau
Bata com êle na testa.

ENCOMENDAR AS ALMAS

Em muitas localidades da Beira Baixa costumam, algumas mulheres, em determinadas noites da Quaresma, subir ao campanário da Igreja ou aos sítios mais elevados das povoações, a *encomendar as almas* ou a cantar, em toada própria, muito triste, versos como os que se seguem e que eu ouvi em Vale de Lôbo e em Idanha-a-Nova.

Nesta vila cantam assim:

As almas do Purgatório
Já gritam em altas vozes
Co'as mãos postas ao céu:
Irmãos, lembrai-vos de nós.

Irmãos, lembrai-vos de nós,
Da nossa miséria tanta;
Estamos no Purgatório
E a chama nos alevanta.

Quando dêrdes a esmola,
Vêde bem como a dais;
Tendes no outro mundo
Vossas mães e vossos pais.

Lá em cima ao Calvário
Está cama e travesseiro,
Onde a Virgem chora as penas
Do seu Filho verdadeiro.

Lá em cima ao Calvário
Está a cama e cobertor,
Onde a Virgem chora as penas
Do seu Filho redentor.

Lá em cima ao Calvário
Está um craveiro à cruz,
A água com que o regam
E' o sangue de Jesus.

O' almas, se tendes sêde,
Vinde ao Calvário a beber,
Que o meu Deus tem cinco fontes,
Tôdas cinco a correr.

Eu vos peço, irmãos meus,
Filhos de Jesus Cristo:
Rezemos um Padre-Nosso
A's cinco chagas de Cristo.

Eu vos peço, irmãos meus,
Filhos de São José:
Rezemos um Padre-Nosso
A's almas que estão em pé.

Eu vos peço, irmãos meus,
Aqui neste auditório:
Rezemos um Padre-Nosso
Pelas almas do Purgatório.

PELO NATAL

MADEIRO — MISSA DO GALO — FILHÓS

Noite, geralmente, fria, árvores descarnadas a erguerem os braços para o céu, campos desertos, caminhos sem viandantes (a não ser os que à última hora recolhem a pátrios lares), a véspera de Natal tem não sei quê de unção, de poesia, que a todos, cristãos ou livres-pensadores, crentes ou ateus, faz reünir, vindo das maiores distâncias, no conchego e convívio santo da família.

E o nosso povo, mantenedor fiel de velhas e lindas tradições, vai ainda hoje, para honra e louvor do Menino Jesus, e para que os pobrezinhos te-

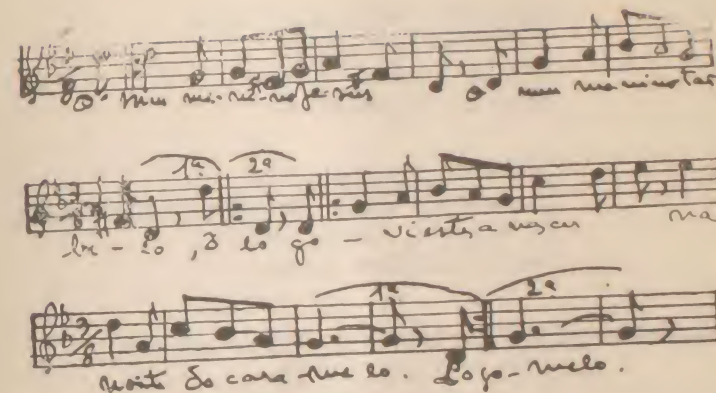
nham onde se aquecer, colocar no adro da Igreja grandes troncos de árvores que arderão, e morrerão em vivo braseiro, durante todo o ciclo do Natal.

Em *Castelo Branco*, como em grande número de povoações da Beira Baixa, são os rapazes que, aproveitando o primeiro carro de bois ou carroça de muares que se lhes depara na via pública, fazem o transporte dos madeiros.

Em *Idanha-a-Nova*, são as mordomias de São João, do Espírito Santo, etc., constituídas por gente moça, que, enfeitando os carros e os bois com grandes fitas multicolores, entre vivas aos santos da sua devoção, e acompanhados de uma grande caldeira de cobre ou de uma cântara cheia de vinho de onde todos bebem por um copo de lata ou de esmalte com asa, vão carregar grandes troncos de velhas árvores que hão-de arder no adro da Igreja ou junto das capelas daqueles santos.

Em *Castelo Branco* e em *Idanha-a-Nova*, como em tôdas as localidades que pertencem ao bispado de Portalegre, durante tôda a noite de Natal, especialmente à entrada e à saída da missa da meia noite, «*missa do galo*», não cessa a romaria ou visita ao *madeiro*, sucedendo-se, uns aos outros, alegres grupos a entoar, com a canção que segue [1], hosanas ao Salvador:

---

[1] Segundo o Dr. J. Leite de Vasconcellos (Vidè *carta-prefácio*), êstes cantos devem pertencer a um antigo auto do Natal.

O' meu Menino Jesus!
O' meu Menino tão belo!
Logo vieste a nascer
Na noite do caramelo.

O' meu Menino Jesus!
Convosco é que eu 'stou bem,
Nada dêste mundo quero,
Nada me parece bem.

Entrai, pastores, entrai
Por êsse portal sagrado,
Vinde a adorar o Menino
Numas palhinhas deitado.

Entrai, pastores, entrai
Por êsses portais adentro,
Vinde a adorar o Menino,
No seu santo Nascimento.

Alegrem-se os céus e a terra,
Cantemos com alegria,
Que já nasceu o Menino
Filho da Virgem Maria.

Todos os filhos dos ricos
Dormem em lençóis doirados *(em leito dourado)*
Só vós, meu Menino Jesus,
Numas palhinhas deitado.

Todo os filhos dos ricos
Teem belos travesseiros,
Só vós, meu Menino Jesus,
Preso a êsse madeiro.

¿De quem são as camisinhas
Que a Senhora está a lavar?
São do Menino Jesus
Qu'inda está por baptizar.

Respeitando a velha tradição, muito pobrezinha há-de ser a casa que, na noite de Natal, não tenha na lareira abundante braseiro, e não faça *filhós*, bôlos muito espalmados de massa de farinha e ovos, fritos em azeite.

JANEIRAS

COMPRIDAS noites de Janeiro: nas ruas frio intenso, nos lares grandes fogueiras.

Semi-nus, rotos, descalços, às vezes a tiritarem de frio, é rara a noite de entre o Ano Novo e os Reis, que, em algumas freguesias da Beira Baixa, as crianças não andem, aos magotes, pelos balcões e pelas portas, a pedir e a cantar, em toada dolente, as janeiras. Na minha terra natal, Vale de Lôbo, cantam-nas assim:

Boas noites, boas noites,
Boas noites de alegria,
Que lhas manda o Rei da Glória,
Filho da Virgem Maria.

Côro

Naquela relvinha,
C'o vento gelou,
A Mãe de Jesus
Tão pura ficou.

Dominus excelsis Deo,
Que já é nascido
O que nove meses
Andou escondido.

¿De quem será o chapèuzinho
C'além está despindurado?
E' do senhor F...
Que Deus o faça um cravo.

Côro

Naquela relvinha, etc.

¿De quem será o vestidinho
Cosido com sêda branca?
E' da senhora F...
Que Deus a faça uma santa.

Côro

Naquela relvinha, etc.

¿De quem será o pentem d'oiro
Que se achou no alvoredo?
E' da senhora F...
Que lhe caiu do cabelo.

Côro

Naquela relvinha, etc.

¿De quem seriam as liguinhas
Que se acharam entre as ervas?
Eram da senhora F...
Que lhe caíram das pernas.

Côro

Naquela relvinha, etc.

¿De quem seriam as botinhas
Que se acharam no sapateiro?
Eram do senhor F...
Que as pagou c'o seu dinheiro.

Côro

Naquela relvinha, etc.

E os nomes de todos os da casa onde cantam, vão sendo enquadrados nos versos, conforme as simpatias.

A seguir, com a música da primeira parte das *janeiras*, sem o côro, cantam:

Levante-se lá, senhora,
Do seu banco de cortiça,
Venha-nos a dar a janeira:
Ou morcela ou chouriça.

Levante-se lá, senhora,
Dêsse seu rico banquinho,
Venha-nos a dar a janeira
Em louvor do Deus Menino.

Levante-se lá, senhora,
Dêsse seu rico assento,
Venha-nos a dar a janeira
Em louvor do Nascimento.

Levante-se lá, senhora,
Dêsse seu banco de prata,
Venha-nos a dar a janeira
Que está um frio que *rapa*.

Se os donos da casa dão a janeira, cantam:

Despedida, despedida,
Despedida quero dar,
Os senhores desta casa
Bem nos podem desculpar.

Se lhes não dão a janeira:

Esta casa não é alta,
Tem apenas um andar,
Estes barbas de farelo
Ñada teem p'ra nos dar.

Esta casa é bem alta,
Forradinha de papel,
O senhor que mora nela
E' um grande furriel.

Esta casa é bem alta,
Forradinha de papelão,
O senhor que mora nela
E' um grandessissimo ladrão.

Também os rapazes, filhos de gente de *teres*, pedem as janeiras com os versos e música acima, pretexto para uma merenda que realizam no campo, no domingo imediato ao dia de Reis.

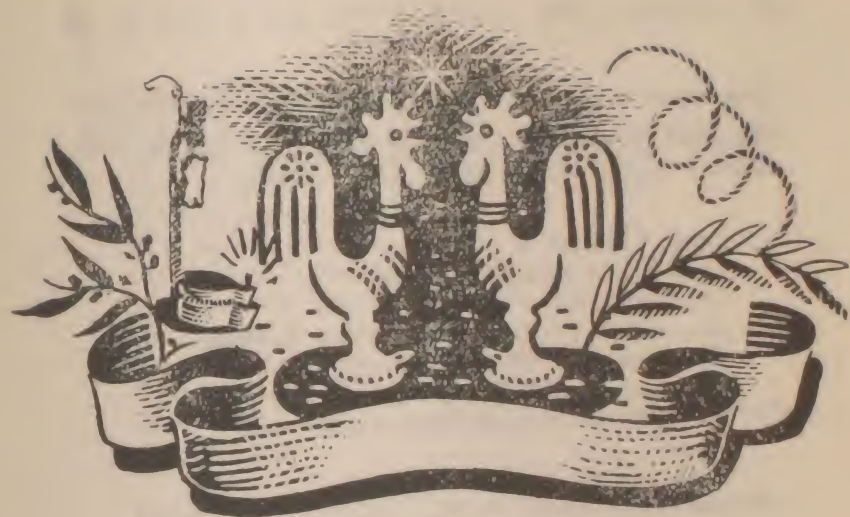
Nesse dia cantam:

Naquela relvinha,
Naquela lameira,
Detrás da fontinha
Se come a janeira.
Dominus excelsis Deo,
Que já é nascido
O que nove meses
Andou escondido.

Em *Escalos de Baixo*, as janeiras, cantadas do Natal ao Ano Novo, começam assim:

O Sol já vai raiando
Por cima das oliveiras.
Erga-se lá, senhora,
Que vamos cantar *as janeiras!*

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

NOTA — Vide outras crenças e superstições da Beira Baixa, in - **Etnografia da Beira,** vol. III, págs. 131 a 153, vol. V, págs. 187 a 217, e vol. VI, págs. 245 a 258.

ENSALMOS

PARA TIRAR O «ACEDENTE» E O «MAU OLHADO»

Em muitas povoações da Beira Baixa usam-se, ainda hoje, velhos e supersticiosos processos de *tirar o acedente* e o *mau olhado*, como igualmente se *atalha ou talha a gipla* e outras doenças, por meio de ensalmos e práticas apropriadas.

Em *Vale de Lôbo*, certas mulheres de virtude, que ainda existem, para verificarem se as moléstias ou desgraças são provocadas por espíritos malignos, ou se teem origem em mau olhado, tomam um prato

com água e uma candeia com azeite, e fazendo cruzes com a candeia sôbre o prato, e deixando cair, sôbre a água, uma gota de azeite, dizem:

Santa Catarina.
Dois *(olhos maus)* t'os deram
Três t'os tiram,
São as três pessoas da Santíssima Trindade.
Em nome do Padre, *(uma cruz)*
Em nome do Filho, *(outra cruz)*
Em nome do Espírito Santo, *(outra cruz)*.
Amen.
Casa varrida,
Santa Catarina,
Dois *(olhos maus)* t'os deram
Três t'os tiram,
São as três pessoas da Santíssima Trindade.
Em nome do Padre, *(uma cruz)*
Em nome do Filho, *(outra cruz)*
Em nome do Espírito Santo, *(outra cruz)*.
Amen.

Repetem três vezes. Se a gota de azeite que foi lançada na água tiver desaparecido, há *espírito malígno* ou *mau olhado*; se não tiver desaparecido, é mal de Deus e *não tem rezas*.

Em *Bemquerença* (Penamacôr) para tirar o acedente recitam:

Dois t'os deram
Três t'os tirarão:
As três divinas pessoas da Santíssima Trindade,
Que Elas bem poderão:

Padre, Filho e Espírito Santo.
Amen.
(Dizendo o nome da pessoa ou designando o animal):
Deus te criou,
Deus te engendrou,
Deus te desassombre
Do mal que te assombrou.
Em louvor da Virgem Maria,
Quanto Ela quis, tudo se fazia.
Nossa Senhora, que benzeu o Menino
Com um raminho de alecrim branco,
Benza êste *(pessoa ou animal)* com um raminho verde
do campo.

Rezam nove Padre-Nossos, que devem ser contados do *fim para o princípio*.

Assim: nove, oito, sete, seis, etc.

No *Ladoeiro* é crença que, quem traga sempre consigo um pedaço de pão mordido por três raparigas virgens chamadas Maria, está isento de acedente ou mau olhado.

PARA ATALHAR A «GIPLA» OU OUTRA DOENÇA DE PELE

Dizem, em *Vale de Lôbo*:

São Julião vinha de Roma
E o Senhor para Roma ia.
E Nosso Senhor lhe disse:
— ¿ Donde vens Julião?
— Venho de Roma.
— ¿ De que morre lá a gente?

— Do mal de empola.
— Volta atrás, tu a atalharás.
— ¿Com o quê, Senhor?
— Com a corda de esparcho,
Com azeite da alumia (candeia),
Com palavras de Deus
E da Virgem Maria,
Esse mal desapareceria.

Êste ensalmo é recitado na presença do doente.

Enquanto dura a recitação, o recitante vai molhando um pedaço de corda de espartcho no azeite e queimando-o na luz da *alumia*, ao mesmo tempo que faz cruzes sôbre o local erisipelado.

O ensalmo é recitado cinco, sete ou nove vezes, sempre em número ímpar, e por cada recitação é rezado um Padre-Nosso.

Na *Orca* (Fundão) dizem:

São Pedro vinha de Roma
E a Virgem ia para lá,
E a Virgem lhe procurou:
— Pedro, ¿que vai por lá?
— Muita peste, muita malina,
Muita gipla, muito giplão.
— Benzendo-se, se atalharão
Com azeite virgem e corda do Maranhão.
Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.
Amen.

Em *Idanha-a-Nova* havia um sapateiro, de que há descendentes, que curava a *zípula* pendurando ao pescoço dos doentes um talismã, canudinho de

cana miúda, contendo dentro medicamento de que guardava segrêdo. Ao que me informam, o talismã constava apenas de mercúrio.

PARA CURAR TODAS AS DOENÇAS DOS OLHOS

Na *Orca* (Fundão) recitam:

Gloria Patri et Filio et Spiritui Sancto. Amen.
Ursula três filhos tinha,
Todos três no mato ardiam.
Passou por ali a Virgem Maria,
Procurou-lhes o que faziam.
Benza e cura três vezes ao dia.
Esse fogo se atalharia
Por milagre de Deus e da Virgem Maria
E da milagrosa Santa Luzia.

Eu te benzo.
Deus te atalhe
E a milagrosa Santa Luzia,
Treçol.
Se és névoa ou cabrita
Ou unheiro ou unhais,
Ou outra coisa mais,
Em louvor de Santa Luzia,
Treçol.

Repetem três vezes o ensalmo, rezam por cada vez um Padre-Nosso, e, enquanto rezam, cortam, com as unhas, fôlhas de oliveira cordovil de rebentos

novos que ainda não deram azeitona. Terminado o ensalmo rezam uma Salvè-Raínha.

Em *Vale de Lôbo* dizem:

Santíssimo Sacramento,
Jesus, Maria, José.
Quando Jesus Cristo passou
Todo o mundo alumiou.
Quando Jesus Cristo foi gerado
Todo o mundo foi alumiado.
Quando Jesus Cristo nasceu
Todo o mundo esclareceu.
Virgem Maria foi à missa.
Unheiro levava, unheiro trazia.
— ¿ Quem há-de atalhar êste unheiro?
E esta névoa? E esta cabrita?
E esta inflamação?
E quanto houver na vista
Para que não lavre?

Rezam uma Avè-Maria, dão, ao mesmo tempo, golpes com um canivete num pedaço de pau de sabugueiro, e continuam:

Pedro Paulo foi a Roma
E o Senhor o encontrou,
E o Senhor lhe disse:
— ¿ Donde vens, Pedro Paulo?
— Venho de Roma.
— ¿ De que morre lá a gente?
— Do mal de empola.
— Pedro Paulo volta atrás
E tu a atalharás.
— ¿ Com quê, Senhor?
— Com o pau de sabugueiro

Atalharás o que houver na vista
Para que não lavre.
— Virgem Maria, apartaste a noite do dia,
Apartai tudo que houver na vista
Para que não lavre.
Avè-Maria.

O lume não tem frio,
A água não tem sêde,
O Senhor não tem senhoria.
Assim como isto é verdade
Atalho tudo quanto houver na vista
Para que não lavre.
Avè-Maria.

Repetem três vezes e, enquanto vão dizendo, fazem cruzes com o pau de sabugueiro. No fim de cada recitação cortam o pau com um canivete.

PARA CURAR «QUEBRADURAS» OU «ROTURAS» (HÉRNIAS)

Em *Bemquerença* (Penamacôr) o doente é levado na companhia de um rapaz chamado João e de uma rapariga, irmã dêste, chamada Maria, ambos no estado de virgindade, ao sítio onde dois caminhos se atravessem.

Uma vez na encruzilhada, João toma nos braços o doente e entrega-o a Maria dizendo:

Toma lá, Maria, êste menino (ou menina) quebrado.
Assim como Nossa Senhora passou o mar salgado,
Assim êste menino vai ficar sarado.

Maria recebe o doente, que devolve a João, dizendo:

> Toma lá, João, êste menino quebrado.
> Assim como Nossa Senhora passou o mar salgado,
> Assim êste menino vai ficar sarado.

Em *Salvaterra do Extremo* o doente é levado, na noite de São João, na companhia de uma Maria e de um João, a um sítio chamado a Carvalheira, e ali é passado por entre duas metades de um pequeno carvalho, aberto de alto a baixo, travando-se entre João e Maria o seguinte diálogo:

> — Toma lá, Maria.
> — ¿ Que me dás, João ?
> — Dou-te um menino quebrado
> Para me dares um são.

Estas palavras, como a passagem da criança pelo carvalho, são repetidas três vezes e, em seguida, ligadas as duas partes da árvore.

Se as duas metades do carvalho soldam, a doente cura; se não soldam, o doente não curará.

Em *Vale de Lôbo*, criança que sofra de quebradura ou rutura é levada por três Marias, virgens, junto de um pequeno carvalho, na noite de São João. Aberto o carvalho ao meio, as três referidas Marias passam o doente através das duas metades da árvore.

Se esta soldar, curada será a criança; se não soldar, igualmente a doente não curará.

Em *Idanha-a-Nova* procede-se quási idênticamente, com a diferença de que os doentes são passados através de um marmeleiro, e as pessoas que procedem à operação não devem passar pelo local durante, pelo menos, um ano.

CONTRA A RAIVA

E' crença geral no distrito de Castelo Branco que, para que os cães danados não mordam, bastará dizer:

— «Tem-te cão, que entre mim e ti está São Romão.»

Se é cadela:

— «Tem-te cadela, que entre mim e ti está Santa *Madanela* (Madalena).

São Romão e Santa Madalena são assim advogados contra a raiva.

Ou, ainda, recitar:

> São Romão coroado
> Tem a cabeça em Roma,
> A coroa em Castela.
> Homem morto, mau encontro.
> Homem vivo, mau perigo.
> São Romão seja comigo.

Para evitar o contágio da raiva, é costume dar aos animais mordidos, pão *bento*.

Como curativo das pessoas mordidas, havia, e ainda há em algumas localidades, entre elas Idanha-a-Nova, um ferro, chamado de São Romão, que era aplicado em brasa sôbre a mordedura.

PARA CURAR O «COBRÃO»

E' vulgar aparecer, sobretudo entre as gentes do campo, uma inflamação ou erupção de pele com a configuração aproximada de uma cobra ou parte de cobra.

O povo chama-lhe «cobrão» e atribui a origem ao facto de uma cobra ter passado sôbre roupa que o doente vestiu, ou pôs em contacto com o corpo.

Variam de terra para terra os processos de o curar.

No *Ladoeiro mata-se* o «cobrão» dizendo três vezes:

> Já pelo rio passei
> E voltarei a passar,
> Este maldito «cobrão»
> Eu hei-de-o matar.

O doente deve bater, em seguida, com o ôlho de um machado no batente da porta de entrada de sua casa.

Aplicam ainda, sôbre a pele, papas feitas de cinza de palha de alhos, e mel.

Em *Idanha-a-Nova* levam grãos de trigo à frágoa ou forja do ferreiro, onde os queimam com ferro em brasa.

A acção do calor do ferro sôbre os grãos de trigo fá-los segregar um óleo ou líquido que, aplicado sôbre o «cobrão», cura-o.

Em *Vale de Lôbo* usam, como remédio preventivo, aquecer a roupa, antes de a vestir, a um lume feito de palha de enxerga, porque esta, estando já moída, está isenta de bruxarias.

Como remédio curativo aplicam sôbre o «cobrão» papas feitas de cinza de «palhas alhas» (fôlhas de alhos) e azeite.

VÁRIA

1 — Fica muda ou tartamuda a criança que ainda não fale e a quem se cortem as unhas ou o cabelo (Ladoeiro e Idanha-a-Nova).

2 — E' freqüente, na mesma povoação, as mães queixarem-se da queda das asas do coração de seus filhos de colo. Para as levantar, basta, dizem, roubar três ovos de galinha, sem que alguém o saiba, à mulher mais brava, ou de génio mais irascível, da localidade.

Estes ovos, assim adquiridos, são cozinhados

pela forma que cada uma tem por mais conveniente, e com êles alimentadas as crianças. A cura é certa, devendo as mães restituir os ovos, à pessoa a quem os tiraram.

3 — As unhas das crianças devem ser cortadas, a primeira vez, por suas madrinhas, para que não fiquem tartamudas e não lhes demore a fala (Idanha-a-Nova e Alcains).

4 — As mães de Idanha-a-Nova, ao vestirem as crianças, depois de lhes apertarem as fraldas ou envoltas, fazem, com a mão aberta, uma cruz nas costas, e dizem: — Deus te acrescente e as almas no céu para sempre, e te livre da má gente.

5 — Crianças de peito não se devem levar ao espelho porque só tarde falarão (Vale de Lôbo e Castelo Branco).

6 — Se as crianças, depois de nascerem, conservam as mãos fechadas, é sinal de que serão agarradas (Vale de Lôbo e Castelo Branco).

7 — Se põem as mãos é sinal de que não se criarão e morrerão cedo (Idanha-a-Nova e Castelo Branco).

8 — Quando as crianças espirram ou abrem a bôca, dizem em Idanha-a-Nova: — Jesus valha ao menino (ou menina), para o céu cresça e o mundo não aborreça.

9 — Comer castanhas faz criar bichos na cabeça dos meninos (Vale de Lôbo).

10 — Se as criancinhas riem quando dormem, estão a falar com os anjos (Idanha-a-Nova).

11 — A paralisia local ou geral, ou a fraqueza dos membros e músculos das crianças, curam-se banhando-as nas dornas ou pios do vinho quando o mosto está em plena fermentação (Vale de Lôbo).

12 — As crianças por baptizar são mouras (Idanha-a-Nova e Vale de Lôbo).

13 — Quem tiver filhos pequenos não deve emprestar ou dar lume às vizinhas. Tornar-se-iam bravos ou chorões (Ladoeiro).

14 — Para que as crianças deixem de ser bravas e não chorem, levam-nas à capela da Senhora do Almotão e batem-lhes com a cabeça na imagem de São Romão, ou no Cruzeiro que fica em frente, no arraial (Idanha-a-Nova).

15 — Em Castelo Branco levam as crianças para o mesmo efeito, à capela de São Marcos e põem-nas sôbre o altar.

16 — No Ladoeiro levam-nas à Igreja e batem-lhes três vezes com a cabeça na imagem de Santo Antão.

17 — Para que as bruxas não levem para os telhados os recém-nascidos ainda não baptizados, é preciso conservar acesa durante a noite, no quarto onde êles dormem, uma luz de azeite (Ladoeiro).

18 — Comer muito queijo tira a memória (Idanha-a-Nova, Vale de Lôbo e Castelo Branco).

19 — O tresorelho, ou desorelhado, cura-se aplicando enxúndia de galinha no pescoço e nos queixos dos doentes (Idanha-a-Nova).

20 — Para que os dentes nasçam bem, atiram-nos, ao arrancá-los, para a cinza da pelheira e dizem: — pelheirinha, pelheirão, toma lá êste dente podre e dá cá um são (Vale de Lôbo e Idanha-a-Nova).

21 — Em Castelo Branco dizem: — cinza, cinzão, toma lá êste dente podre e dá cá um são.

22 — Quando alguém deita sangue do nariz por se lhe ter *soltado o sangue*, é costume, para que estanque, pôr nas costas do doente, sem que êle saiba, duas palhas formando uma cruz (Vale de Lôbo, Idanha-a-Nova e Castelo Branco).

23 — No Ladoeiro põem as palhas ou duas tiras de papel, em cruz, sôbre a cabeça do padecente, também sem que, como se disse, êle dê por isso.

24 — Quando alguém passa, descalço, por um sítio onde um burro se tenha espojado, deve cuspir para que as bruxas não vão ter com êle (Idanha-a--Nova e Vale de Lôbo).

25 — E para lhe não nascer no pé uma pisadura (tumor) (Ladoeiro).

26 — Rapaz que faça afirmação de que os demais duvidam, deita um pouco de cuspo na palma da mão, bem aberta, e diz: — Cruz de pau, cruz de ferro, se eu menti eu vá para o inferno. E bate com a outra mão aberta, no sentido vertical, na saliva. Se esta salta, o que êle estava a dizer era verdade; se não salta, estava a mentir (Vale do Lôbo, Idanha-a-Nova e Castelo Branco).

27 — O uso, ao pescoço, de um algodão ou linha encarnada com a medida da altura da imagem

de São Sebastião livra das bexigas (Vale de Lôbo).

28 — Em Bemquerença usam o mesmo processo, mas medindo a imagem de Santa Marta.

29 — A's crianças do sexo feminino que freqüentam as escolas, dizem as mães: — Se não fazes a camisa ao cuco dão-te (tens) febres (Idanha-a-Nova).

30 — Para não ter maleitas (sezões) devem as pessoas que pela primeira vez em cada ano ouvem cantar o cuco, espojar-se (deitar-se e voltar-se várias vezes) no chão (Ladoeiro e Vale de Lôbo).

31 — A sementeira das batatas, a matança do porco e o corte de madeiras devem fazer-se no quarto crescente da lua (Vale de Lôbo).

32 — Não se deve matar o porco nem praticar qualquer operação respeitante à matação ou matança à hora da lua nova ou no *interluno* (mudança de lua), porque se estragará a carne (Alcains e Castelo Branco).

33 — O uivar dos cães e o canto da coruja são sinais de morte próxima (Vale de Lôbo e Castelo Branco).

34 — A coruja bebe o azeite das lâmpadas das igrejas e presagia morte de pessoa quando solta seus gritos estridentes sôbre os telhados das habitações (Ladoeiro e Idanha-a-Nova).

35 — Três luzes acesas é sinal de morte (Idanha-a-Nova).

36 — Não se devem matar as andorinhas, que são as pitinhas de Nossa Senhora (Vale de Lôbo).

37 — Não se devem matar as cotovias, que são as pitinhas de Nossa Senhora (Idanha-a-Nova).

38 — As andorinhas são judias. Desprezam-se (Idanha-a-Nova).

39 — O ouriço-catcheno sobe às árvores (pereiras, macieiras, etc.) e deita os frutos ao chão. Desce, rola-se sôbre êles e espeta quantos pode nos seus espinhos. Daqui vem: «*carregado como um ouriço*». Depois caminha para a toca muito contente, chiando como os primitivos carros de bois de eixo móvel (Segura e Ladoeiro).

40 — Quem conta as estrêlas nascem-lhe *barrumas* (verrugas) nas mãos (Idanha-a-Nova e Castelo Branco).

41 — Quem come romãs em dia de Réis (6 de Janeiro) tem dinheiro todo o ano (Idanha-a-Nova).

42 — Quem come uvas no primeiro dia de Janeiro e romãs em dia de Réis tem dinheiro todo o ano (Castelo Branco).

43 — Cão que, ao deitar-se, cruza os membros anteriores, não se danará; é refractário à hidrofobia (Segura e Alcains).

44 — Quando troveja, está Deus a ralhar (Vale de Lôbo).

45 — Nos borborinhos ou remoínhos vem o demónio. Quando se vêem, deve fazer-se o sinal da cruz e dizer: —Foje diabo da cruz, que lá vem o menino Jesus (Idanha-a-Nova).

46 — Quando duas pessoas batem, sem querer, com a cabeça, uma na outra, devem cuspir imediatamente e dizer: — cospe, que é carneiro, para não serem metamorfoseadas em carneiros (Idanha-a-Nova e Ladoeiro).

47 — Pintos que nasçam em Maio são todos doidos se não forem joeirados (joeirando para a esquerda) numa joeira de cereais (Idanha-a-Nova e Ladoeiro).

48 — Burro que nasça em Agôsto será remeloso ou oftâlmico (Ladoeiro).

49 — Para não ter sarna, devem as pessoas espojar-se, na noite de São João, no linho verde (terra onde está semeado). Isto faz com que muitos linhos apareçam tombados no dia de São João (Vale de Lôbo).

50 — Estar junto de uma fonte e recusar água a quem a pede, o mesmo é que recusá-la a Nosso Senhor (Castelo Branco).

51 — Não se deve ter pita galena, isto é, que cante de galo (Idanha-a-Nova).

52 — Chá de excremento de galinha preta é remédio contra as cólicas (Ladoeiro).

53 — Quando os corvos voam por cima da povoação é sinal certo de chuva ou morte de pessoa (Ladoeiro).

54 — Os guinchos, zirros ou andoriscos (espécie de andorinhas) anunciam, quando regressam da sua emigração, o preço do *pão* (centeio): *caro*, se voam alto, *barato*, se voam baixo (Ladoeiro).

55 — As cobras vão ter à cama com as mães dos recém-nascidos e metem a ponta do rabo na

bôca dos pequenos enquanto sugam o leite das mães (Segura e Alcains).

56 — Os lagartos são amigos dos homens e as cobras das mulheres (Idanha-a-Nova e Vale de Lôbo).

57 — Para tirar uma cobra que entre na bôca de alguém, basta colocar-lhe aos pés uma bacia com leite (Idanha-a-Nova).

58 — Para que os tumores ou abcessos venham à supuração, deve aplicar-se-lhes um emplastro de excremento humano (Segura).

59 — Quando chove e faz sol estão as bruxas a pentear-se, ou está Nossa Senhora a lavar os cueiros do Menino (Idanha-a-Nova). Está Nossa Senhora a lavar o seu lençol ou estão as velhas a casar (Vale de Lôbo).

60 — Cuspir no lume é cuspir na bôca de um anjo (Idanha-a-Nova).

61 — Cuspir na água é cuspir na cara de Nosso Senhor (Vale de Lôbo).

62 — Se uma pessoa desconfia que outra, com poderes ocultos (bruxa), lhe faz mal, no dia em que com esta se encontrar na igreja, à hora da missa e no momento da elevação, saïrá sem que dê nas vistas, irá ao adro, apanhará sete pedrinhas que lançará na pia da água benta sem que a bruxa o pressinta, e voltará a sentar-se no seu lugar. Se as suas suspeitas eram fundadas, a bruxa não cessará de a olhar com insistência e jamais poderá levantar-se sem o seu perdão (Ladoeiro).

63 — Mulher grávida não pode comer lebre,

porque os filhos nasceriam com os olhos abertos (Idanha-a-Nova).

64 — As mulheres grávidas não devem usar colares ao pescoço no período da gravidez, para que as crianças não tragam sinais na pele (Castelo Branco).

65 — Para curar a bretoeja deve o doente, se é homem, vestir uma camisa de mulher ainda quente do corpo desta; e, se é mulher, vestir camisa ainda quente de corpo de homem (Castelo Branco).

66 — Um cozimento ou caldo de parasitas da cabeça humana cura a icterícia, por muito crónica que seja (Ladoeiro).

67 — Em Idanha-a-Nova usam para o mesmo efeito deitar os parasitas vivos dentro de um ôvo, bebendo-o em seguida.

68 — Quando alguém mata uma lagartixa ou lhe corta a cauda, a parte cortada salta e abana muitas vezes. Está a contar e a revelar a Deus os pecados de quem a matou. Por isso, em tais ocasiões, deve dizer-se: — conta os teus, não contes os meus, conta os teus, não contes os meus, até que o reptil dê o último sinal de vida (Gavião, de Vila Velha de Ródão).

69 — As mulheres não fiam nos dias de Carnaval porque, por essa ocasião, foram fiadas as cordas com que Jesus Cristo foi martirizado (Idanha-a-Nova).

70 — Não se deve escrever em Sexta-feira Santa, porque neste dia foi lavrada a sentença de morte contra Nosso Senhor (Idanha-a-Nova).

71 — O sarro que se acumula no fundo das bacias de cama pouco limpas, colocado em panos sôbre a testa, é remédio eficaz contra as enxaquecas ou cefalalgias (Ladoeiro).

72 — Pondo a mão sôbre o coração de uma pessoa que dorme, ela revelerá os segredos que guardar (Vale de Lôbo).

73 — Quando, sem razão plausível, qualquer pessoa tem as orelhas muito vermelhas, é que alguém a está a apreciar: bem, se a orelha aquecida é a direita, e mal, se é a esquerda (De quási todo o distrito).

74 — Se treze pessoas se sentarem a uma mesa, uma delas morre (De todo o distrito).

75 — Para curar as empigens basta que pessoa que tenha passado as águas do mar as pinte com tinta. E' o que se chama *escrever* as empigens (Idanha-a-Nova).

76 — Curam-se as *maleitas* (sezões) bebendo água de marcela colhida em Quinta-feira da Ascensão (Idanha-a-Nova).

77 — Tôda a pessoa que vá à capela de Nossa Senhora do Carmo do Teixoso e toque no chocalhinho do porco que está aos pés da imagem de Santo Antão, não terá sezões (Teixoso).

78 — O soluço desaparece *pregando* um grande susto ao doente (Idanha-a-Nova, Vale do Lôbo, etc.).

79 — Para curar feridas colocam sôbre elas teias de aranha (Vale do Lôbo).

80 — Ano de muitas pulgas é fértil em milho miúdo (Ladoeiro).

81 — Ano de pulgas é ano de pão (Castelo Branco).

82 — O que plantar uma nogueira, só viverá — se não morrer antes — o tempo preciso para que o tronco da árvore atinja a grossura de quem a plantou (Ladoeiro).

83 — As pessoas fadadas com poderes sobrenaturais, adivinhos, benzilhões ou charlatães, choram três vezes no ventre materno ou antes de nascer, ou teem gravada no céu da bôca uma cruz da forma da dos *pintos* (Ladoeiro).

84 — Quando uma môsca varejeira entra pela janela anuncia a visita de uma senhora, se entra pela porta a de um cavalheiro (Ladoeiro).

85 — As Lagoas da Serra da Estrêla teem comunicação subterrânea com o Oceano. Em noites de inverno ouve-se o bramir das águas, que se agitam consoante os movimentos do mar. E' crença que teem, ali, aparecido a boiar, restos de mastros e outros objectos marítimos (Ladoeiro e Vale de Lôbo).

86 — Se duas pessoas lavam as mãos na mesma água, veem a bulhar (Idanha-a-Nova).

87 — Os noivos serão felizes se na *bôda* (dia do casamento) chover (Idanha-a-Nova e Ladoeiro).

88 — Rapariga que nunca tenha namorado e deseje saber o nome do seu primeiro *derriço*, enche a bôca de água à meia-noite de São João e coloca-se em seguida à janela ou à porta de sua casa.

O seu futuro bem amado terá ou usará o nome de homem que ela primeiro ouvir pronunciar (Ladoeiro).

89 — Consegue-se idêntico resultado escrevendo nomes diferentes em três ou mais rôlos de papel e metendo-os num copo cheio de água. O desejado terá o nome que figurar no papel que primeiro se desenrolar (Ladoeiro).

90 — Rapariga que deseje saber qual a profissão do seu futuro marido, parte, à meia-noite de São João, um ôvo de galinha preta e lança-o num copo cheio de água. Examinando a água ao nascer do sol, esta conterá, à superfície, um desenho ou figura parecida com algum instrumento de trabalho. Se representar uma caneta, um tinteiro, um navio ou uma serra, o marido será, respectivamente, tabelião, homem de letras, marinheiro ou carpinteiro (Ladoeiro).

91 — Para se saber se está próximo ou afastado o dia do casamento, fazem três bolinhas de miolo de pão e introduzem, dentro de uma delas, um grão de trigo. Misturam-nas bem e colocam-nas: uma debaixo do travesseiro, outra na escada, e a terceira atrás da porta de entrada da residência. Na manhã de São João levantam as três bolinhas e vêem qual delas contém o grão de trigo. Se a do travesseiro, o casamento será breve; se a das escadas, ainda alguma coisa distante, e, se a da porta de entrada, muito longe (Ladoeiro).

92 — As feridas curam-se cobrindo-as com raspas de chapéu de lã (Ladoeiro).

93 — Urina nas feridas, cura-as (Idanha-a-Nova).

94 — Beber urina tira a febre (Idanha-a-Nova).

95 — Em Idanha-a-Nova queimam, como defesa contra as trovoadas, quando elas estão iminentes, ramos de oliveira que serviram e foram benzidos na festa dos Ramos, e acendem uma vela, de preferência de côr amarela.

96 — Em Vale de Lôbo acendem uma vela que tenha servido nas cerimónias da Semana Santa, e em Idanha-a-Nova e em Vale de Lôbo queimam, para o mesmo efeito, achas do madeiro do Natal.

97 — A noiva leva no dia do casamento uma moeda na meia, para que o novo lar seja feliz (Castelo Branco).

98 — A lenha que cresce da boda não se deve queimar, porque, enquanto ela se conservar no lar, haverá paz e harmonia (Idanha-a-Nova).

99 — Pessoa que varra à noite ou de noite a sua casa não deve deitar fora o lixo, porque equivaleria a deitar fora a fortuna (Castelo Branco).

100 — Aparecem muitas vezes, espetados nas árvores, insectos e reptis. E' obra do *mafarrico* (diabo) em noites de aborrecimento (Ladoeiro).

ÍNDICE DAS MATÉRIAS

ÍNDICE ALFABÉTICO DAS MATÉRIAS

REVISTA·DA·UNIVERSIDADE·DE·COIMBRA

ÍNDICE

COSTUMES

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

ERRATA

Página	Linha	Onde se lê	Leia-se
26	13	eram	era
38	26	dar-lhe-iam	dar-lhe-ia
44	11	ha hora	à hora
69	18	desmarcada	demarcada

Anotamos apenas os erros principais na certeza de que os leitores ilustrados e indulgentes saberão descylpar e emendar os demais que encontrarem.